



Universidade de Brasília - UnB

Instituto de Psicologia - IP

Departamento de Psicologia Clínica - PCL

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG PsiCC

**Inscrições corporais de vivências de preconceito contra orientação sexual
via mapa corporal narrado de um caso**

Pesquisadora: Claudia Soares da Silva

Orientadora: Maria Inês Gandolfo Conceição

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção de
grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília –

IP/UnB

Brasília – DF, 14 março de 2023

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição
Universidade de Brasília – UnB
Presidente da Banca

Prof^ª. Dra. Maria da Penha Nery
Associação Brasiliense de Psicodrama – ABP
Membro Externo

Profa. Dra. Isabela Machado da Sova
Universidade de Brasília
Membro Interno

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Andrade Bareicha
Universidade de Brasília
Membro Suplente

Agradecimentos

Gostaria de aproveitar este momento para expressar a minha profunda gratidão por todas as pessoas que contribuíram para a conclusão bem-sucedida do meu trabalho de dissertação de mestrado. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer aos meus pais Liduina Flor e Claudio Luis pelo amor incondicional, apoio e encorajamento ao longo de toda a minha trajetória acadêmica e por terem me apoiado nessa nova jornada de enfrentar novas dificuldades em uma nova cidade. Sem a presença e o suporte deles, eu não teria chegado até aqui.

Agradeço também à minha orientadora, Maria Inês, pelo incentivo e paciência durante todo o processo de pesquisa. Seu conhecimento, expertise e orientação foram fundamentais para o desenvolvimento do meu trabalho.

Quando cheguei na cidade de Brasília me senti perdida e desconectada da cidade, porém fui apresentada a pessoas maravilhosas que me ajudaram a sentir um pouco o verdadeiro espírito brasiliense. Gostaria de agradecer então a escola de psicodrama de Brasília (ABP), em especial Mari, Miriam e Conceição por terem me recebido de uma forma tão carinhosa em uma capital nova para mim. Cada seminário, sociodrama e teatro de reprise vivenciado foram essenciais para minha construção enquanto psicóloga psicodramatista em busca de novas experiências.

Através do envolvimento com artes circenses também tive a oportunidade de conhecer uma amiga maravilhosa que me ajudou a enxergar a beleza de viver em Brasília e por me apoiar a não desistir desse trabalho. Agradeço a Dany por estar do meu lado nos momentos mais difíceis e ver a beleza e saúde através da arte do circo brasiliense.

Agradeço ao meu grande parceiro Matheus Macena por me acompanhar desde a graduação e hoje estar comigo em Brasília explorando esta cidade e o mundo acadêmico da forma mais nordestina, irônica e autêntica possível.

Quero estender meus agradecimentos especiais à minha amiga Leide, por todo o processo de escrita até aqui. Nossa trajetória começou na responsabilidade de ministrar a disciplina de psicodrama juntas e acredito que irá se estender durante muitos anos construindo trabalhos e vínculos espontâneos.

Por fim, gostaria de expressar minha gratidão a todos os outros professores da UnB que aceitaram o desafio do universo *online* dentro do período de pandemia, acreditando no desenvolvimento dos alunos mesmo em um período tão caótico que estávamos vivendo.

Resumo

As pessoas que se identificam como LGBTQ muitas vezes são alvo de preconceito, rejeição, indiferença e alijamento social que podem minar a saúde mental e autoestima das mesmas. A ausência de espaços de pertencimento dessa população na sociedade conservadora aumenta seu estigma e sua discriminação. O abandono familiar está fortemente associado à situação de vulnerabilidade, o que motiva a criação de casas de acolhimento para sujeitos LGBTQ, no intuito de apoiar esses sujeitos na reconstrução de vínculos de pertencimento social. O aporte teórico que embasou a construção desta pesquisa foi a teoria socionômica. Neste estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa com metodologia visual, que utiliza o mapa corporal narrado como estratégia de levantamento de dados sobre a história de vida de sujeito LGBTQ em situação de vulnerabilidade. O objetivo do estudo foi compreender a subjetividade de um homem cisgênero homossexual em situação de vulnerabilidade, por meio da aplicação do mapa corporal narrado. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas e aplicação de mapa corporal a um participante residente de uma casa de acolhimento LGBTQ no Distrito Federal. Também foram realizadas entrevistas com o dirigente da instituição. A partir da análise temática dos resultados, foram construídos três temas: 1) O amor entre pessoas do mesmo gênero é igualmente amor, portanto, tão complexo quanto qualquer outra forma de amar; 2) A balança da saúde mental: equilibrando razão e emoção; 3) O abrigo é a família sociométrica dos rejeitados: um lugar de pertencimento; e 4) Posso simplesmente ser eu. Compreende-se que através da experiência de inscrição corporal na identidade diversa foi possível identificar quais as situações que ocasionam a ida desses sujeitos para casas de acolhimento. A pesquisa contribuiu para a formulação de estratégias de intervenção dessa população no sentido de ampliar atendimentos, facilitar o acesso preventivo a serviços de saúde e acolhimento ao público LGBTQ.

Palavras-chaves: mapa corporal, LGBTQ, metodologia visual, psiquiatria

Abstract

The LGBTQ community has a recurrent demand for emotional suffering, closely related to experiences of rejection, indifference and social neglect. The absence of spaces of belonging for this population in the conservative society increases their stigma and inclusion. Family abandonment is strongly associated with a situation of vulnerability, which motivates the creation of shelters for LGBTQ subjects, in order to support these subjects to truly conquer a role in society. The construction of this research was supported by socionomic theory. In this study, a qualitative research was carried out with a visual methodology, which uses the narrated body map as a strategy for collecting data about the life history of LGBTQ subjects in vulnerable situations. The objective of the study was to analyze the subjectivity of LGBTQ subjects in vulnerable situations through the narrative of the narrated body map. Data collection was carried out through interviews and application of a narrated body map to a participant residing in an LGBTQ shelter in the Federal District. Interviews were also conducted with the institution's directors. From the thematic analysis of the results, three themes were constructed: 1) Love between people of the same gender is equally love, therefore, as complex as any other kind of love; 2) The mental health balance: equilibrating reason and emotion; 3) The shelter is the sociometric family of the rejected: a place of belonging; and 4) I can simply be me. It is understood that through the experience of corporal inscription in the diverse identity, it was possible to identify the situations that cause these subjects to go to shelters. The research contributed to the formulation of intervention strategies for this population in the sense of expanding services, facilitating preventive access to health services and welcoming the LGBTQ public.

Keywords: body map, LGBTQ, visual methodology, sociatry

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Fases da Análise temática	51
Tabela 2 – Síntese da análise temática – temas e descrições	55

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: GRUPOS LGBTQ E OS DIVERSOS CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE.....	17
1.1 Grupos sociais LGBTQ.....	17
1.2 Vulnerabilidades e riscos para a comunidade:	25
CAPÍTULO II: SOCIONOMIA: UM OLHAR PARA OS VÍNCULOS, A IDENTIDADE E O PERTENCIMENTO	30
2.1 Vínculos familiares e comunitários: A matriz de identidade e a afetividade	32
2.1.1 Vínculos comunitários e os afetos	36
2.1.2 Átomo social.....	37
2.2 As relações de vínculo do eu com o mundo/social - os papéis, as lógicas afetivas de conduta e as relações transferência.....	38
2.2.1 Teoria dos papéis.....	38
2.2.2 Transferência.....	40
2.2.3 Lógicas afetivas de conduta.....	42
2.3 Espontaneidade e Criatividade - desenvolvimento de novas narrativa.....	42
CAPÍTULO III: MAPA CORPORAL - POSSIBILIDADE DE REENCONTRO COM A IDENTIDADE E O PERTENCIMENTO.....	45
3. 1 Corpo	45
3.2 O mapa corporal narrado	48
CAPÍTULO IV: MÉTODO	49

4.1	Objetivos da pesquisa	51
4.1.2	Objetivo geral	51
4.1.3	Objetivos específicos.....	51
4.2	Contexto de realização da pesquisa	51
4.3	Participantes.....	53
4.4	Procedimentos de coleta de dados	53
4.5	Execução	54
4.5.1	Primeiro encontro	54
4.5.2	Segundo encontro	56
4.5.3	Instrumentos	57
4.6	Coleta e análise de dados	57
4.7	Considerações éticas.....	59
Capítulo V:	RESULTADOS E DISCUSSÃO	60
5.1	Dados do participante e narrativa sobre sua história de vida	61
5.2	Temas a partir do mapa corporal.....	63
5.2.1	O amor entre pessoas do mesmo gênero é igualmente amor, portanto, tão complexo quanto qualquer outro tipo de amor	64
5.2.2	O abrigo é a família sociométrica dos rejeitados: um lugar de pertencimento	67
5.2.3	A balança da saúde mental: equilibrando razão e emoção	70
5.2.4	Posso simplesmente ser eu	71
CAPÍTULO VI:	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
REFERÊNCIAS	76

Lista de Anexos

ANEXO A.....	74
ANEXO B	75
ANEXO C.....	76
ANEXO D	78
ANEXO E	79
ANEXO F	81

INTRODUÇÃO

A problemática que orienta esta pesquisa se trata do estudo da trajetória marcada por vivências de rejeição familiar, discriminação de gênero, indiferença, alinhamento social que atravessa a vida de alguns indivíduos do público LGBTQ¹ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, Queer, Intersexual, Asexual e mais), podendo essas trajetórias estarem marcadas por sofrimento emocional e maior vulnerabilidade social.

Os índices de violência são alarmantes ao se tratar de pessoas LGBTQ: quatro pessoas LGBTQ são mortas todos os dias (CELAC, 2021) e a violência de gênero aumentou (Malta et al., 2019). Esses números não levam em conta as micro agressões cotidianas às quais as mulheres são submetidas, assim como outros grupos historicamente excluídos. Uma consequência de acirramento do sofrimento psíquico é o autoextermínio:

Em relação ao grupo composto por não-heterossexuais e transgêneros, a suscetibilidade ao suicídio possui um agravante, pois, em muitos casos, o acolhimento ao sofrimento psíquico dessas pessoas é inexistente, não somente nos espaços públicos como também dentro de casa, com a discriminação e a violência por parte dos próprios familiares (Baere & Conceição, 2018, p. 15).

Os espaços de anonimato dessa população na sociedade são flagrantes e o meu desejo pelo aprofundamento sobre esse público se alinha ao interesse de compreender suas identidades, narrativas e histórias de vida. A ausência de locus de pertencimento dessa população na sociedade conservadora aumenta seu estigma e sua discriminação.

Durante a minha graduação em Psicologia, percebi a necessidade de criar um espaço de acolhimento e escuta para o público LGBTQ em sofrimento em decorrência de rejeição social. A partir dessa motivação, montei um grupo terapêutico direcionado para essa

¹ Neste estudo utilizaremos a terminologia LGBTQ no lugar da nova sigla LGBTQIAP+

população, que se tornou uma experiência muito rica e transformadora tanto para mim quanto para os participantes. Foi nesse contexto que comecei a me aprofundar nos estudos sobre gênero e sexualidade, buscando compreender as nuances e particularidades da vivência dessas questões na vida das pessoas LGBTQ.

O interesse do grupo surgiu a partir de uma inquietação entre os estagiários de psicologia clínica da faculdade em que me formei por não saber lidar com demandas referentes a gênero e sexualidade. Uma das principais dinâmicas do grupo era a supervisão em conjunto, na qual cada membro tinha a oportunidade de apresentar seus casos clínicos e desafios ou questões teóricas relacionadas aos estudos de gênero e sexualidade. Nesse momento, discutimos em conjunto as melhores estratégias terapêuticas, compartilhando conhecimentos teóricos e experiências práticas. As supervisões em grupo revelaram-se extremamente produtivas, pois cada participante trazia uma perspectiva única e complementar, enriquecendo nosso repertório profissional e pessoal.

O aprendizado adquirido nesse grupo terapêutico se tornou uma base sólida para minha prática profissional. A compreensão aprofundada dos estudos de gênero e sexualidade, combinada com as experiências compartilhadas pelos participantes, permitiu-me desenvolver uma abordagem mais sensível e inclusiva em minha atuação como psicóloga. Em suma, o grupo terapêutico que criei durante minha graduação em psicologia com o interesse de aprender mais sobre os estudos de gênero e sexualidade nas trocas em supervisão foi uma experiência transformadora. Através desse espaço, pude aprimorar minha formação, compartilhar conhecimentos, discutir casos clínicos e ampliar minha visão sobre as diversas dimensões da identidade de gênero e da sexualidade humana.

Ao finalizar a minha graduação, decidi direcionar minha carreira para essa área. A experiência de montar o grupo terapêutico foi fundamental para me impulsionar em direção a

essa área e me fez perceber a importância do trabalho psicológico para a promoção da saúde mental e do bem-estar das pessoas LGBTQ.

Continuei minha jornada olhando para essa população e decidindo me aprofundar um pouco mais na busca pelo conhecimento da saúde LGBTQ. Ao vir para Brasília tive a intenção de fazer um estudo robusto, porém a pandemia atravessou a pesquisa e outras vulnerabilidades se apresentaram. Dessa forma, a interação com a instituição almejada se tornou limitada e de difícil articulação. Tudo isso mostra que precisamos ser resistentes no universo da pesquisa, mesmo em tempos de crise e no estudo de vulnerabilidades que se ampliam ainda mais no contexto sociopolítico e sanitário. A partir disso me encontrei disposta a continuar meu estudo dentro das limitações colocadas.

Minha prática clínica e minha pesquisa têm sido guiadas pela compreensão de que as questões de gênero e sexualidade são complexas e multifacetadas, e que a identidade de gênero e orientação sexual são dimensões fundamentais da experiência humana. Acredito que, como psicóloga, tenho a responsabilidade de fornecer um ambiente seguro e acolhedor para que as pessoas LGBTQ em sofrimento psíquico possam explorar suas identidades, superar preconceitos e discriminações, e alcançar uma maior compreensão e aceitação de si mesmas.

Nesse contexto, esta pesquisa tem como intenção compartilhar com o leitor a importância de despertar a sensibilidade dentro da narrativa de história pessoal do participante em situação de vulnerabilidade e exclusão por ter uma orientação sexual não hegemônica. Por passarem, muitas vezes, por rupturas de vínculos familiares e comunitários. Ao compartilhar histórias, destacamos a subjetividade e a autenticidade do indivíduo, enfatizando que cada pessoa tem sua própria perspectiva e experiência única para contribuir.

A escolha da metodologia qualitativa foi fundamental para compreender a narrativa e trajetória de vida, sob o ponto de vista de quem as vivencia. Portanto, essa metodologia é

definida por sua abordagem inovadora, que busca compreender os significados que os indivíduos atribuem às suas experiências sociais, e a construção coletiva desses significados de maneira crítica (Gonçalves & Lisboa, 2007).

O abandono familiar está fortemente associado à situação de vulnerabilidade, o que motiva a criação de casas de acolhimento para sujeitos LGBTQ, no intuito de apoiar esses sujeitos a possuírem um espaço de convivência saudável, às vezes mimetizando relações de convivência familiar. Uma casa de acolhimento deve ser bem planejada para que o projeto tenha êxito em seus objetivos, com intuito de promover amparo e proteção, junto ao fornecimento de diversos serviços sociais, como serviços de acompanhamento médico, psicológico, auxílio jurídico, auxílio educacional e grupos de compartilhamento e moradia temporária a quem necessita. Seu propósito é acolher e garantir a dignidade da pessoa humana e os direitos fundamentais daqueles que são marginalizados devido ao preconceito e ao conservadorismo social (Santos et al., 2023).

Dentro deste trabalho seguimos uma visão psicodramática com foco em uma leitura dos vínculos e das condutas afetivas que vão moldando a forma de existir de cada um de nós, bem como do desenvolvimento da espontaneidade e criatividade na construção da liberdade/autonomia identitária do sujeito. O treino de espontaneidade em grupos de orientação sexual minoritários, contribui para que os integrantes quebrem as conservas culturais, na medida que tal libertação as enriquece de instrumentos para enfrentar adequadamente situações conflituosas e discriminatórias nos momentos em que elas acontecem (Silveira, 2018). O desenvolvimento desta dissertação foi estruturado em três partes. A primeira é constituída pela fundamentação teórica, a segunda é composta pelo método, a terceira apresenta o mapa corporal narrado, a análise dos dados, concomitante às categorias temáticas centrais na coleta e as considerações finais.

A pesquisa de campo aborda a questão do sujeito em sua realidade social, no caso da população LGBTQ, destacada pela vulnerabilidade social, da qual são subtraídos os laços sociais com o outro, fazendo com que os acolhidos se sintam exilados, sem lugar em relação ao seu semelhante. Tendo em vista que é essencial compreender o lugar de onde a pessoa fala, a narrativa se sustenta na história social e no universo subjetivo do sujeito, nos quais os fatos efetivamente se inscrevem. Nesse sentido, a fim de compreender a configuração social do público pesquisado, sujeitos LGBTQ em situação de vulnerabilidade, a pesquisa contempla conceitos, história e aportes teóricos sobre esta população vulnerável.

Quando pessoas que foram historicamente reprimidas encontram oportunidades para expressar suas identidades de gênero, essas identificações se tornam parte de um processo de formação subjetiva. Nesse contexto, o gênero é considerado uma construção baseada em discursos e através disso observa-se o surgimento de discursos nos quais as pessoas são submetidas a um processo de formação subjetiva, oferecendo uma representação de si mesmas. A questão do "lugar de fala" é redefinida como "lugar de enunciação", levando em conta como a influência ideológica molda a formação do sujeito dentro do discurso. Nessa compreensão, o "lugar de fala" se revela em seu funcionamento enunciativo, apoiado por processos metafóricos que o legitimam com base na experiência vivida de um eu que se identifica com os outros (Fontana, 2017).

Na perspectiva metodológica, este estudo utilizou a técnica do mapa corporal narrado, na coleta de dados, consoante à proposta da socionomia, teoria que privilegia a compreensão de histórias coletivas por meio de histórias de vida, interessada nas interações entre os processos psíquicos e os processos sociais. A narrativa construída por meio do mapa corporal favorece um processo reflexivo a respeito de sua história de vida sexualmente engendrada e, no caso específico deste estudo, de uma pessoa em situação de vulnerabilidade decorrente de preconceito e discriminação sexual.

Além do exposto anteriormente sobre a apresentação do método, foi descrito o ambiente de pesquisa utilizado, a Casa de Apoio, aqui nomeada ficticiamente como Casa *Queer*, bem como a trajetória que levou ao surgimento do desejo de oferecer acolhimento e atendimento psicossocial às pessoas em situação de vulnerabilidade social. A Casa *Queer* é um espaço destinado a acolher pessoas LGBTQ em situação de rua e vulnerabilidade social na cidade, proporcionando-lhes um ambiente seguro e acolhedor. A partir dessa experiência, surgiu o desejo de oferecer um atendimento psicossocial adequado e personalizado a essas pessoas, a fim de ajudá-las a lidar com as dificuldades enfrentadas em seu cotidiano.

Na seção de considerações finais, foi destacada a importância de compreender as diversas maneiras pelas quais o participante homossexual percebe e experimenta seu corpo, e como essa percepção pode ser influenciada pela discriminação, violência e exclusão social que enfrenta. Esses fatores devem ser considerados ao investigar as noções do social e do psíquico em relação a esse sujeito.

Assim, a pesquisa apresentada não apenas busca explorar os recursos do método proposto, mas também visa contribuir para a melhoria das condições de vida e bem-estar das pessoas em situação de vulnerabilidade social, oferecendo-lhes um espaço de acolhimento e atendimento psicossocial de qualidade.

CAPÍTULO I: GRUPOS SOCIAIS LGBTQ E OS DIVERSOS CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE

1.1 Grupos sociais LGBTQ

A realidade social de parte da população LGBTQ é, comumente, repleta de situações de sofrimento, estresse e insegurança. A discriminação e as pressões familiares e sociais são fatores que se destacam nesse quesito, podendo gerar sofrimento psíquico (Sampaio & Coelho, 2012). De acordo com Meyer (2003), a população que se identifica com um grupo minoritário tem maiores riscos de possuírem alguma questão de saúde mental, não por sua orientação sexual, mas sim pelo preconceito social que é manifestado. O autor também destaca que o estresse de minoria é acumulativo e interseccional, por exemplo, mulheres negras e lésbicas sofrem um triplo risco social.

Para melhor entendimento do trabalho a seguir citamos alguns dos termos usados pela cartilha "Cuidar bem da saúde de cada um: faz bem para todos, faz bem para o Brasil" (Ministério da Saúde, 2022):

Orientação Sexual diz respeito à capacidade de ter, sentir ou desenvolver atração e/ou relação emocional, afetiva ou sexual por outra(s) pessoa(s). A orientação sexual pode ser:

Heterossexual: sentir atração e/ou se relaciona com pessoas do sexo oposto.
Homossexual: sentir atração e/ou se relaciona com pessoas do mesmo sexo. Mulheres homossexuais são chamadas de lésbicas. Homens homossexuais são chamados de gays.
Bissexual: Sentir atração e/ou se relaciona com pessoas de ambos os sexos.

Ao que pode-se observar sobre **identidade de gênero** destaca-se que não deve ser confundida com orientação sexual. Enquanto identidade de gênero se refere a como a pessoa

se identifica, a orientação sexual está ligada a como a pessoa se relaciona sexual e afetivamente. Mulheres transexuais e homens trans podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais.

A identidade de gênero se refere à forma única e pessoal como alguém se reconhece e se apresenta, e pode abranger uma ampla variedade de expressões, incluindo possíveis modificações da aparência e do corpo, conforme a individualidade de cada pessoa.

A criação de padrões ao longo da história humana contemporânea baseados nas crenças com raízes machistas, patriarcais, misóginas, racistas enseja a marginalização dos diferentes, que não se submetem e, por isto, se tornam vulneráveis pela resistência à imposição dos estereótipos. A conservação destes modelos em nome da preservação da moral familiar é imposta até hoje como se a fuga desse roteiro pudesse causar um descontrole social, porém nele existe somente sobrevivência a partir do cumprimento de regras e metas que ditam o status social do ser e, portanto, a sua importância para o meio, o seu merecimento a direitos, o acolhimento que receberá, se será cuidado ou excluído por sua família (Nunes & Garcia, 2022).

As normas de gênero frequentemente são baseadas na idealização de relações heterossexuais, estabelecendo padrões específicos de feminilidade e masculinidade. Esses padrões são moldados pela concepção tradicional de papéis de gênero nas relações heterossexuais, o que restringe a diversidade e a liberdade de expressão de outras orientações sexuais e identidades de gênero (Butler, 2018). Gênero é uma construção social que vai além do sexo biológico. A expressão de gênero refere-se à forma como alguém se apresenta e manifesta suas características. A identidade de gênero é a percepção interna de si mesmo em relação ao gênero. Reconhecer essa diversidade é fundamental para compreender a complexidade da experiência humana além das categorias binárias de sexo e gênero (Salih, 2016).

A concepção de performatividade de gênero requer uma reavaliação, considerando uma norma que exige a construção de um sujeito viável. É necessário explorar a teatralidade do gênero no contexto desse caráter obrigatório da citação, fornecendo uma explicação abrangente (Butler, 2018).

A interseccionalidade de gênero, raça e classe social desempenha um papel significativo na compreensão de como outros aspectos identitários organizam e hierarquizam as experiências sociais e de trabalho. Ao refletir sobre as categorias individuais de ser homem ou ser mulher, ou mesmo nas lutas por liberdades em termos isolados, embora importantes, não abarcam a extensão das desigualdades sociais e sexuais, incluindo outras dimensões identitárias, especialmente no que se refere à comunidade LGBTQ (Veroneze, 2022).

Os atos performáticos são formas de discurso de autorização em que a maioria das falas performáticas, por exemplo, consiste em enunciados que, ao serem proferidos, também realizam determinada ação e exercem um poder de conexão. Implicadas em uma rede de autorização de punição, as sentenças performativas tendem a incluir sentenças judiciais, batismos, inaugurações, declarações de propriedade. São declarações que só realizam uma ação. Se o poder do discurso para produzir algo que ele nomeia está relacionado com a questão da performatividade, logo a performatividade é um domínio do poder que atua como discurso (Butler, 2018).

A vulnerabilidade proveniente da LGBTQfobia sofrida pelas pessoas deste grupo, a qual as afeta nas esferas educacional, social e econômica, perpetuando desigualdades e demandando ações para promover a igualdade e o respeito. De forma que quando esta violência também atinge a esfera familiar, o sujeito perde muito do que lhe é essencial à vida, pois a ausência dos vínculos afetivos pertencentes a este grupo social altera uma perspectiva de segurança que frustra um desenvolvimento harmonioso e, muitas vezes, desencadeia diversos danos emocionais (Nunes & Garcia, 2022).

De acordo com Bourdieu (2014), a falta de inclusão social, frequentemente perpetuada por questões familiares e pela sociedade em geral, é possivelmente um dos principais fatores que contribuem com a violência contra pessoas transexuais no Brasil. Destaca-se que indivíduos transgêneros e travestis frequentemente enfrentam barreiras significativas para acessar o sistema educacional e encontrar oportunidades de trabalho, já que o mercado de trabalho tende a ser muito mais restrito para essa população. Nesse sentido, é importante ressaltar a necessidade de políticas públicas eficazes e abrangentes, que sejam capazes de promover a inclusão e combater a exclusão social dessas pessoas.

Dentro da análise sobre violência entre pessoas LGBTQ, foi observado um predomínio de homicídios ocorrendo em vias públicas e nas residências das vítimas. As formas mais comuns de agressão incluíram o uso de armas de fogo, armas brancas, espancamentos e asfixias. Os crimes frequentemente envolveram mais de um golpe ou tiro nas vítimas, sugerindo uma motivação baseada em "ódio". A faixa etária mais comumente afetada foi entre 20 e 49 anos, com destaque para os transgêneros, que geralmente eram mais jovens. As vítimas tendiam a ser de raça/cor branca ou parda e muitas delas possuíam formação superior, sendo professores ou empresários em sua maioria. Os autores identificados geralmente tinham menos de 30 anos de idade e incluíam profissionais do sexo, militares e estudantes (Mendes & Silva, 2020).

A homofobia é vista como forma de preconceito, que pode resultar em discriminação. É a forma de preconceito e de discriminação direcionada contra homossexuais (Rios, 2007). É um sentimento irracional baseado em preconceitos análogos ao racismo, à xenofobia e ao sexismo e ela pode se manifestar em locais públicos ou privados através do discurso de ódio, da ridicularização, da violência verbal, psicológica e física, perseguições e assassinatos. Esse sentimento viola o princípio da igualdade e muitos outros direitos (Borrillo, 2001).

A homofobia sofrida dentro de casa gera transtornos psicológicos e físicos colocando a comunidade LGBTQ numa situação de vulnerabilidade, inferioridade e anormalidade. A vulnerabilidade envolve um conjunto de fatores que pode diminuir ou aumentar os riscos aos quais o ser humano está exposto em diversas circunstâncias de sua vida (Lopes, 2013).

Ao longo da história, a existência das pessoas LGBTQ tem sido estreitamente associada a preconceito e discriminação, sendo que muitas vezes sofrem repressão intensa devido à sua falta de aceitação social. Estudos recentes como o de Santos et al. (2023) indicam que o Brasil ainda é considerado um país violento para a comunidade LGBTQ, o que evidencia a urgência de medidas efetivas para promover a igualdade de direitos e combater a discriminação.

Ao se tratar da visão sobre o *gay* afeminado que é rejeitado perante os padrões ditados entre homens homossexuais que evidenciam a reprodução da heteronormatividade. A ameaça da homofobia e das prescrições masculinas hegemônicas de gênero estão presentes em todos os contextos sociais, o que exige desenvolvimento de estratégias de enfrentamento para assunção e revelação social da homossexualidade. Para jovens *gays* afeminados, esses processos podem se revestir de maior vulnerabilidade, pois sua expressão de gênero pautada em atitudes e comportamentos associados ao feminino é vista como provocativa e transgressora (Oliveira & Vedana, 2020).

Quanto às consequências oriundas das violências ao público LGBTQ no Brasil, essas manifestam-se nos diversos espaços sociais, seja no local de trabalho, de assistência à saúde, ambiente familiar, escolar, religioso e, ocorrem através de desprezo, agressões, evasão escolar, dificuldades de acesso à saúde e à subsistência no mercado de trabalho (Gomes et al., 2021).

Para compreender a saúde mental, é necessário ir além das políticas públicas e considerar práticas que promovam o diálogo e fortaleçam os ambientes em que as pessoas

LGBTQ vivem. Isso significa buscar restaurar a saúde mental e combater as opressões diárias que contribuem para o adoecimento (Santana & Melo, 2021).

A situação do distanciamento social, sobretudo aquele exigido no enfrentamento à recente pandemia, apresenta desafios significativos para muitas pessoas LGBTQ, especialmente aquelas que se encontram em residências com familiares que expressam LGBTQfobia. Relatos indicam que a solidão resultante do distanciamento social afeta negativamente pessoas LGBTQ que vivem sozinhas, levando à perda do sentimento de esperança e felicidade, uma vez que as interações sociais positivas que costumavam ocorrer em espaços seguros, centros comunitários, bares, cafés ou casas de outros indivíduos LGBTQ não são mais possíveis (Veroneze, 2022).

As políticas públicas para pessoas LGBTQ no Brasil precisam ser reforçadas e debatidas, para que se possa garantir uma assistência plural para essas pessoas. Também é necessário que outros(as) pesquisadores continuem a publicar estudos sobre pessoas LGBTQ e suas vivências, para que as instâncias governamentais se atentem às situações de vulnerabilidade às quais essas pessoas estão expostas (Santos et al., 2023).

Dentre os avanços em programas e políticas públicas, destacam-se: o Programa Brasil sem Homofobia, a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Mulher, a Carta de Direitos dos Usuários da Saúde e a Política Nacional de Saúde Integral de LGBT. Entretanto, a efetivação das mesmas ainda se configura como desafiadora. As consequências da homofobia e da heteronormatividade institucional, caracterizadas pelos atendimentos discriminatórios, são as principais causas da exclusão da população pesquisada dos espaços de saúde (Albuquerque, 2013).

O padrão heteronormativo presente na sociedade foi estabelecido originalmente com base na ideia de que a reprodução humana dependia exclusivamente da união sexual entre um homem e uma mulher. No entanto, apesar dos avanços científicos e das descobertas sobre os

diversos modos de reprodução que existem atualmente, ainda há uma considerável parcela da população que defende e mantém esse modelo. A heteronormatividade é uma estrutura social que pressupõe que a orientação sexual e a identidade de gênero "normal" ou "natural" são baseadas na atração entre indivíduos de sexos opostos. Essa visão foi fortemente enraizada nas normas culturais e nas instituições sociais ao longo dos séculos, o que levou a uma marginalização e invisibilidade das identidades e relações que se desviam desse padrão (Pimenta & Conceição, 2021).

O uso do termo também é utilizado como meio que vincula diretamente a genitália dos sujeitos a sua auto identidade e comportamento social, ou seja, o comportamento que é esperado de um homem e uma mulher (Pimenta & Conceição, 2021).

Dentro deste trabalho, o conceito de gênero se faz importante. “Gênero” foi introduzido para suplementar “sexo” e não para substituí-lo: o biológico foi assumido como base sobre a qual os significados culturais foram construídos (Demetri, 2018). A sexualidade é expressa por meio de intervenção cultural. Toda sociedade tem um sistema sexo/gênero específico e que organiza socialmente a sexualidade. Nesse sentido, o gênero seria uma divisão sexual imposta aos sexos, a qual transformaria a fêmea em mulher e o macho em homem. Em nossa cultura, essa organização se caracterizaria pela heterossexualidade obrigatória, pelo binarismo e pelas restrições da sexualidade feminina. A partir da terceira onda do feminismo, na década de 1980, gênero se torna um conceito relacional e implica em relações de poder e privilégios. A diferença sexual é uma construção de gênero (Demetri, 2018).

O poder deve ser compreendido como uma relação em constante transformação. Enquanto a conquista do poder exige força, a aquisição do conhecimento pode ser alcançada através da aprendizagem e do ensino. Portanto, é por meio da interseção desses dois elementos, poder e saber, que o sujeito é constituído (Ferreirinha & Raitz, 2010).

Quando a força e a violência são impostas ao corpo, isso leva à sujeição da pessoa a uma função econômica, onde são realizadas atividades padronizadas e exigidas habilidades específicas. Além disso, há também uma submissão política, na qual a pessoa aceita regras e normas sem a capacidade de reflexão crítica (Ferreirinha & Raitz, 2010).

A partir disso, é de grande importância a investigação dos danos causados pela LGBTQfobia que possam acarretar em agravos à saúde psíquica de suas vítimas. Destaca-se a percebida lacuna das pesquisas de em tal temática. Os estudos produzidos na área sobre LGBTQ não estão sendo extensivos nacionalmente e há pouco número de publicações considerando a comunidade LGBTQ em situação de vulnerabilidade (Santos, 2018). Dessa forma, este projeto visa contribuir para a visão científica acerca do tema.

Para agravar ainda mais a situação dessa população, o preconceito institucionalizado dentro da sociedade não deixa o mercado de trabalho ileso, ou seja, falta de leis de proteção e conscientização lenta sobre a importância da diversidade e inclusão (Santos et al., 2020). Dessa forma, é importante perceber o desemprego como fator de ampliação de vulnerabilidade para sujeitos LGBTQ.

1.2 Vulnerabilidades e riscos para a comunidade:

Minorias são grupos na sociedade que possuem características culturais ou físicas específicas, as quais são desvalorizadas e excluídas da cultura predominante, resultando em processos de discriminação e exclusão. A definição de minoria não se baseia em números. Por exemplo, mesmo que haja uma grande presença de pardos e negros em nosso país, eles ainda são considerados minorias devido à constante discriminação e exclusão que enfrentam. A forma como as minorias são representadas não são naturalmente determinadas por essas características culturais ou físicas, mas sim construções sociais influenciadas por relações

políticas e econômicas. Em essência, as minorias são vistas como grupos marginais na sociedade, muitas vezes fora da norma social (Roso et al., 2002).

Os conflitos familiares, aliados a questões psíquicas, econômicas e sociais, acabam por impelir essa minoria a situações de desamparo. A vulnerabilidade dessa população, o descaso do poder público com a ausência de direitos e ações mais efetivas dos órgãos competentes e a falta de instrumentais e estruturas adequadas para as intervenções, denotam uma lacuna do poder público no enfrentamento da questão do acolhimento a comunidade LGBTQ (Costa et al., 2015). A situação de rua para sujeitos LGBTQ é um possível resultado de um conjunto de vulnerabilidades e violações que vão se somando ao longo de suas trajetórias de vida. É possível identificar momentos críticos, passíveis de intervenções pelo poder público, relacionados tanto com a ida para as ruas quanto com a promoção e a garantia de direitos básicos (Mendes et al., 2020).

Um importante aspecto observado se trata da pandemia por COVID-19 e a relação entre vulnerabilidade social e maior prevalência e letalidade do vírus. Para além dos danos à saúde já conhecidos, a pandemia pode ser considerada um evento traumático e, assim, gerar graves consequências à saúde mental da população como um todo, tais quais insônia, depressão, reações de medo e raiva, abuso de substâncias, reações agudas ao estresse e transtorno do estresse pós-traumático. Desse modo, a pandemia pode ser entendida como um catalisador para o adoecimento mental, especialmente para as populações mais vulneráveis (Bordiano et al., 2021).

Um importante ponto posto em fragilidade para os LGBTQ durante a pandemia foi a vida social. Como são por vezes rejeitados no núcleo familiar, um importante mecanismo de resistência e sobrevivência desses grupos está no vínculo que estabelecem com seus grupos de pares, de forma que um grave impacto vivenciado por esses sujeitos está na impossibilidade, dadas as medidas de distanciamento social, de um contato mais ativo e

presencial com seus afetos e territórios, o que leva a uma experiência de isolamento e solidão (Bordiano et al., 2021).

A chegada do COVID-19 intensifica a LGBTQfobia e afeta a capacidade desse grupo em diversas áreas, como a implementação inadequada de medidas gerais de prevenção e o agravamento das desigualdades de saúde. Neste contexto, é importante refletir sobre as situações agravadas pela pandemia de COVID-19, contribuindo para a perpetuação de ações desiguais (Santana & Melo, 2021).

A pandemia resultou em situações desafiadoras e perigosas para pessoas LGBTQ devido ao distanciamento social. Especialmente para aquelas que não possuem moradia ou estão desempregadas e se viram obrigadas a retornar à casa de familiares. Infelizmente, muitas dessas pessoas enfrentaram algum tipo de violência enquanto se abrigavam na residência de familiares com atitudes LGBTQIAfóbicas. Esses relatos destacam a maior vulnerabilidade dessas pessoas a abusos e violência por parte dos familiares, devido à necessidade de encontrar abrigo durante a quarentena (Santana & Melo, 2021).

Considerando a realidade de discriminação e violência enfrentada pela comunidade LGBTQ em muitas partes do mundo, é fundamental destacar a importância do surgimento de casas de acolhimento destinadas a esse público em situação de vulnerabilidade social. Muitas pessoas LGBTQ são expulsas de suas casas e comunidades por conta de sua orientação sexual ou identidade de gênero, o que pode deixá-las sem abrigo, sem acesso a serviços básicos e expostas a situações de violência e abuso. Nesse sentido, as casas de acolhimento LGBTQ desempenham um papel crucial ao oferecer um ambiente seguro e acolhedor, onde essas pessoas possam encontrar amparo, apoio emocional e assistência social. Essas casas oferecem não apenas um teto e alimentação, mas também serviços de saúde, aconselhamento psicológico e jurídico, educação e capacitação profissional, entre outros (Morais et al., 2018).

As casas de acolhimento LGBTQ são geralmente ONGs que oferecem abrigo e apoio para pessoas LGBTQ vulneráveis. Embora existam iniciativas públicas, a maioria é formada por organizações da sociedade civil. É possível encontrá-las em áreas urbanas com maior ativismo LGBTQ. Indivíduos vulneráveis LGBTQ podem acessar essas casas por meio de contato com organizações locais, ONGs e serviços de apoio, que fornecerão informações sobre as opções de acolhimento e orientação para os serviços mais próximos. É importante consultar recursos e organizações específicas da região para obter informações precisas (Morais et al., 2018).

Além disso, é importante ressaltar que a existência de casas de acolhimento LGBTQ também é uma forma de combater a homofobia e a discriminação, já que essas instituições ajudam a conscientizar a sociedade sobre a importância da inclusão e do respeito à diversidade sexual e de gênero. Dessa forma, as casas de acolhimento LGBTQ são um instrumento poderoso na luta pela igualdade e pelo fim da discriminação (Morais et al., 2018).

A vulnerabilidade social é um termo frequentemente usado nas políticas sociais na América Latina e está articulado ao quadro conceitual complexo, porque provoca multiplicidade de olhares e compreensões, abrangendo uma discussão que privilegia diferentes contextos sociais (Tedesco & Liberman, 2008). Na área da saúde, o termo "vulnerabilidade" está intimamente relacionado ao risco de adoecimento e às estratégias de prevenção e superação desse risco. A vulnerabilidade pode estar associada a diversos fatores, tais como a condição socioeconômica, a idade, a condição de saúde prévia, entre outros. Nesse contexto, a prevenção e a superação da vulnerabilidade são fundamentais para a promoção da saúde e a prevenção de doenças. Isso envolve medidas como o acesso a informações sobre cuidados preventivos, o diagnóstico precoce de doenças e o acesso a tratamentos eficazes e acessíveis (Meyer et al., 2006).

Dentro do fator de vulnerabilidade é possível perceber que muitas pessoas não terminam os seus estudos devido ao preconceito e a discriminação e, conseqüentemente, não conseguem ingressar no mercado de trabalho formal. Muitos acabaram vivenciando esta realidade em condições muito precárias. Quando excluídas socialmente, buscam espaço onde são aceitas e, na maioria das vezes, esse espaço é a rua, transformando seus corpos e correndo riscos (Veroneze, 2022).

A compreensão da vulnerabilidade como um fenômeno complexo e multifatorial implica em uma abordagem integrada e multidisciplinar, que envolve profissionais de diversas áreas da saúde e também de outras áreas, como a assistência social e a educação. É importante considerar não apenas os aspectos biológicos e clínicos, mas também os fatores psicossociais e ambientais que contribuem para a vulnerabilidade. Dessa forma, a abordagem da vulnerabilidade na área da saúde requer um olhar sensível e comprometido com a promoção da saúde e o bem-estar das pessoas, considerando suas necessidades e particularidades. A prevenção e a superação da vulnerabilidade são, portanto, fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e saudável (Meyer et al., 2006).

O estudo sobre vulnerabilidade consiste em compreender a capacidade do sujeito em organizar as informações das situações-problemas e perceber as possibilidades de proteção ao sujeito. Trata-se, portanto, de pensamentos, ideais, projetos e aquisições individuais que o sujeito dispõe e forma de empregá-los (Paz et al., 2006). O enfoque da vulnerabilidade está intimamente relacionado aos fatores de risco e de proteção.

A compreensão da vulnerabilidade deve considerar os elementos dinâmicos e estruturais que influenciam nas ofertas de oportunidades. A geração de oportunidades é diferenciada segundo contexto histórico e características socioeconômicas de cada contexto (Cançado et al., 2014). A vulnerabilidade também contém fatores relativos à falta às condições de vida tais como renda, qualidade da moradia, nível educativo, gênero e etc

(Oviedo & Ceresnia, 2015). Dessa forma o projeto tem como intuito observar os fatores que podem ampliar a vulnerabilidade dentro da comunidade LGBTQ.

Para abordar a vulnerabilidade das identidades LGBTQ, é importante considerar primeiramente como essa vulnerabilização ocorre como resultado da ideologia heterossexista, que estabelece uma hierarquia social baseada no sexo. Essas construções sociais foram historicamente moldadas para atender a certas classes e grupos sociais dominantes, dentro do contexto brasileiro. É crucial compreender que algumas práticas sociais aprofundam as desigualdades existentes, sem proporcionar uma reestruturação dos dispositivos institucionais ou uma revisão adequada do sistema de assistência social, em um tecido social permeado por preconceitos (Quadrado & da Silva Ferreira, 2019).

CAPÍTULO II: SOCIONOMIA: UM OLHAR PARA OS VÍNCULOS, A IDENTIDADE E O PERTENCIMENTO

A socionomia é uma abordagem teórico-metodológica criada e desenvolvida por Jacob Levy Moreno (1889-1974). A abordagem moreniana, mais conhecida como psicodrama, tem o compromisso com a educação e a prevenção no sentido mais amplo, bem como com a democratização do acesso ao conhecimento, com a construção coletiva dos sujeitos sociais, em busca de um novo modelo de desenvolvimento que garanta os valores humanos e a qualificação social (Ramalho, 2011).

O entendimento de Moreno (1974) é de que o homem é um ser relacional, se constituindo como sujeito no social por meio das relações, dos grupos, que são instâncias que dão pertencimento para esse homem, bem como identidade. De fato, o homem nasce a partir do grupo, bem como cresce, vive, adoece, se cura e morre em grupo.

O psicodrama compreende que o sofrimento individual tem raízes coletivas. Através desse enfoque, é possível reconhecer que o psicodrama oferece resultados positivos por meio

do método psicodramático, que facilita a reflexão e amplia as interações verbais em relação às questões de diversidade sexual e de gênero. Em outras palavras, o psicodrama reconhece que o sofrimento individual está profundamente ligado ao contexto social e cultural mais amplo, o que torna possível alcançar benefícios significativos para a saúde mental e emocional por meio de intervenções psicodramáticas que abordem essas questões dentro do grupo LGBTQ (Fleury, 2022).

Quando estabelecemos um vínculo social, tanto as funções de papéis como alguns aspectos do conjunto de papéis sociais da nossa personalidade estão, de certa forma, disponíveis para serem exercidos. Considerando isso, uma pessoa que possui o papel de professor tem a capacidade de empregar as qualidades inerentes ao seu papel como filho ou amigo, a fim de aprimorar o vínculo estabelecido com os alunos. Os papéis latentes podem ser complementados em um vínculo, em determinados graus de consciência, no processo de realização dos projetos dramáticos (Nery, 2014).

A visão psicodramática tem sido capaz de promover reflexões profundas e ampliar as interações em diversos contextos, especialmente ao trabalhar com questões de homofobia, lesbofobia e transfobia internalizadas. Através da concretização e transformação de estruturas cristalizadas, o psicodrama tem demonstrado sua eficácia em fortalecer vínculos entre os indivíduos para lidar com situações de estigma e discriminação, tanto em seus contextos familiares quanto sociais. Em suma, a proposta psicodramática tem se mostrado uma abordagem valiosa e efetiva para enfrentar desafios emocionais e psicológicos relacionados à orientação sexual e identidade de gênero, ajudando as pessoas a alcançar uma maior compreensão de si mesmas e a viverem suas vidas com mais liberdade e autenticidade (Zakabi, 2014).

A afetividade é o motor que nos impulsiona a buscar a satisfação de nossas necessidades emocionais e relacionais. Através da afetividade, expressamos nossas

emoções, estabelecemos limites saudáveis e buscamos experiências que nos tragam alegria e realização. No entanto, quando não atendidas, nossas necessidades afetivas podem nos deixar vulneráveis (Nery, 2014).

Fatores dentro do contexto familiar contribuem para a situação de vulnerabilidade da comunidade LGBTQ. Em alguns casos, nota-se uma dificuldade de relação entre pais e filhos resultando em um padrão de uma sociedade heterocentrada (Nascimento & Garcia, 2018). Dentro desse contexto há a possibilidade de ruptura familiar. O estudo dessa trajetória de história de vida do sujeito LGBTQ em situação de vulnerabilidade se torna significativo para compreender o sofrimento dessa população (Souza et al, 2016).

A noção de sociedades heterocentradas provém da ideia de autores críticos decoloniais que compreendem a heterossexualidade como um regime político que afeta as interações sociais, sobretudo aquelas que constituem a nação. A superposição entre o contrato social e a heterossexualidade por meio das noções de povo, de unidade da nação, de pacto social e de representação resultariam em produtos da hegemonia de certos grupos políticos por privilégios de “sexo”, “raça” e “classe” (Rodriguez, 2014)

2.1 Vínculos familiares e comunitários: A matriz de identidade e a afetividade

O psicodrama enfoca a construção da identidade a partir das experiências vividas por uma pessoa e das relações que estabelece com os outros. Ao nascer, o bebê passa por diferentes fases do desenvolvimento, nutrido pela “placenta social” que se constitui de seu primeiro universo, em que a mãe ou substituta(o) desempenha o papel de ego-auxiliar. A essas etapas do desenvolvimento humano se trata da matriz de identidade (Moreno, 1977). A construção da identidade se inicia na infância na relação Eu-Tu com a mãe durante a fase de

Indiferenciação, passando por diversas fases de relacionamento, até a fase do Encontro. Na perspectiva psicodramática, a identidade é vista como uma construção dinâmica, que muda ao longo da vida. Através do psicodrama, a pessoa pode explorar seus diferentes papéis e personagens, descobrir novas facetas de si mesma e integrar essas diferentes partes em uma identidade mais coesa e autêntica (Fonseca, 1980).

Na perspectiva psicodramática, os vínculos familiares são vistos como um fator importante na construção da identidade de uma pessoa e na forma como ela se relaciona com os outros. A família é considerada como um sistema dinâmico, no qual cada membro desempenha um papel específico e as interações entre eles podem gerar conflitos, mas também oportunidades para o desenvolvimento pessoal. Através do psicodrama, a pessoa pode explorar os diferentes papéis que desempenha em sua família e descobrir como esses papéis afetam suas relações interpessoais e sua identidade. Através da exploração dos papéis e interações familiares, a pessoa pode desenvolver novas habilidades e padrões de comunicação mais saudáveis, melhorando sua qualidade de vida e relacionamentos interpessoais (Ramalho, 2011).

Um clima propício e protetor em que o indivíduo expõe suas experiências pessoais é propício à construção de um lugar de pertencimento através de interações sociais, e pode ser afetado por fatores como a aceitação ou rejeição pelos outros membros do grupo, a conformidade ou não aos valores e normas do grupo, e a sensação de contribuição para o bem comum do grupo (Castilho, 1995).

O apoio de um grupo é reflexo de uma necessidade real de se ajudar um ao outro e criar uma boa integração e um sentimento de “pertencer a”. O lugar de pertencimento está intimamente ligado à construção da identidade e a exploração dos papéis e interações sociais e qualidade de vida (Castilho, 1995).

Dentro do psicodrama, a compreensão de como o eu se relaciona com o outro e com a comunidade é fundamental para o desenvolvimento pessoal e social da pessoa. O psicodrama utiliza três conceitos básicos para descrever essas relações: Eu-Comigo, Eu-Tu e Eu-Outro (Yozo, 1996).

O Eu-Comigo (Fase do duplo) refere-se à relação da pessoa consigo mesma, ao seu diálogo interno e reflexão sobre seus pensamentos, sentimentos e comportamentos. Através do Eu-Comigo, a pessoa pode desenvolver a autopercepção e compreensão de si mesma, identificar seus objetivos e necessidades, e elaborar estratégias para alcançá-lo (Yozo, 1996).

O Eu-Tu refere-se à relação da pessoa com o outro e a interação interpessoal. Através do Eu-Tu, há o princípio da descoberta, criando vínculos saudáveis e satisfatórios uns com os outros. Já o Eu-Outro refere-se à relação da pessoa com a comunidade, com o grupo e com o mundo em geral. Através do Eu-Outro, a pessoa pode avaliar as redes sociométricas do indivíduo e do grupo. É o momento eu com todos (Yozo, 1996).

A partir da perspectiva de vínculos pode-se perceber que a Matriz de Identidade muitas vezes é explicada como uma “placenta social”, assim como fala Rojas-Bermúdez (2016):

Do mesmo modo em que o embrião e, posteriormente, o feto se implantam na placenta e dela se nutrem e dependem, o recém-nascido implanta-se em um grupo social na qual depende de suas necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais (p.46).

Inicialmente, a matriz de identidade está ligada apenas a processos fisiológicos e evoluindo com o amadurecimento da criança. A origem de seus papéis primários se mostram através de cada etapa da matriz de identidade. Nas primeiras fases do desenvolvimento o sujeito se encontra totalmente indiferenciado, em que o ser confunde-se com o meio e na segunda fase se encontra diferenciado, onde começa a perceber o meio e a se diferenciar dele.

As etapas de formação da matriz de identidade são cinco: a primeira é uma fase indiferenciada, na segunda há uma relativa atenção ao outro, na terceira percebe-se uma ênfase da atenção no eu, na quarta fase apresenta-se a possibilidade de estar no papel do outro e, na quinta fase, identifica-se a possibilidade do outro estar no seu papel. Moreno associa a compreensão das fases da matriz de identidade para a aplicação das suas técnicas psicodramáticas: a primeira fase corresponde ao momento da técnica do duplo; a segunda e terceira ao momento da técnica do espelho; e a quarta e a quinta à técnica da inversão de papéis (Ramalho, 2011, p. 45).

Através da matriz de identidade percebemos o conceito de papel. O psicodrama também enfatiza a importância de explorar os papéis que a pessoa desempenha no grupo ou comunidade, e de compreender como esses papéis afetam sua sensação de pertencimento. Tal definição não está presa a um autor em particular ou a um determinado ramo da ciência apenas. No âmbito das ciências sociais, diversos autores trataram também da função e importância do papel para dentro do sistema social. Destaca-se o caráter psicossocial que influencia a formação da individualidade e coletividade, pelos padrões de conduta individual e coletiva representado pelos papéis (Rubini, 1995).

Para Moreno (1993), o conceito de papel está relacionado com a forma de funcionamento que o indivíduo assume, começando de seu nascimento até o seu momento atual. A função de papel em um contexto clínico é caracterizada como o reconhecimento pelos aspectos tangíveis do “ego”. O papel é unidade de cultura; ego e papel estão em contínua interação.

De Jesus (2012) destaca a relação de papel e identidade de gênero no que se refere às formas de identificação e reconhecimento sobre ser homem ou mulher. As relações sociais

influenciam na direção de um diálogo sobre orientação sexual. Não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas.

O psicodrama enfatiza a importância das relações interpessoais na construção dessa identidade. Através dos relacionamentos com outras pessoas, aprendemos a desempenhar diversos papéis sociais e a desenvolver habilidades para lidar com conflitos e desafios. Esse movimento coexistencial abrange desde a indiferenciação inicial dos vínculos até a diferenciação entre eu e o outro, permitindo a capacidade de troca de papéis (Nery, 2014).

A formação da identidade ocorre primordialmente dentro de um contexto social, e o processo de identificação engloba aspectos tanto psicológicos quanto sociais. No entanto, os papéis sociais desempenhados nos relacionamentos e grupos assumem formas e conteúdos específicos que refletem a expressão individual da personalidade de cada indivíduo (Nery, 2014).

2.1.1 Vínculos comunitários e os afetos

Um novo vínculo social pode contribuir para a despotencialização de lógicas afetivas de conduta bloqueadoras da cocriação e favorecer aprendizagens de lógicas afetivas que propiciam o desenvolvimento do ser humano, o resgate da autoestima e a manifestação da espontaneidade-criatividade. Porém, um vínculo atual também pode ser paralisador, ou seja, pode bloquear a espontaneidade-criatividade (Nery, 2014). Muitas pessoas LGBTQ enfrentam dificuldades em estabelecer vínculos sociais saudáveis devido a preconceitos, discriminação e estigma. Isso pode levar a um bloqueio na capacidade de se relacionar afetivamente e co-criar com os outros, o que pode afetar negativamente o desenvolvimento pessoal e a autoestima.

Ao mesmo tempo, um novo vínculo social que acolha e respeite a diversidade pode oferecer um espaço seguro para as pessoas LGBTQ se conectarem com outros indivíduos e

desenvolverem relações amistosas. Esses vínculos podem ajudar a desbloquear lógicas afetivas que antes eram limitantes e favorecer a expressão da espontaneidade-criatividade. No entanto, é importante notar que um vínculo social atual também pode ser ameaçador para pessoas LGBTQ, especialmente se houver discriminação ou preconceito envolvidos. É fundamental que o vínculo social seja baseado em valores de respeito e aceitação mútuos para que possa ser realmente benéfico para a pessoa LGBTQ.

2.1.2 Átomo social

O átomo social é um importante conceito dentro da matriz de identidade. O átomo é a menor configuração social das relações interpessoais e se refere às pessoas que apresentam algum significado na vida do sujeito. A rede sociométrica, por sua vez, refere-se à união de vários átomos sociais (Ramalho, 2011). Para Moreno, o átomo social é o núcleo de todos os indivíduos com quem uma pessoa está relacionada emocionalmente ou que ao mesmo tempo estão inter-relacionados com ela.

O átomo social está sujeito a mudanças que podem enriquecê-lo ou empobrecê-lo. A configuração do átomo dependerá da cultura e da maneira particular do indivíduo se vincular a matrizes anteriores, em que intervieram as atitudes básicas, os papéis originários e todos os papéis adquiridos. Cada novo átomo social em que o indivíduo se insere, ele desempenhará um papel e estabelecerá seus vínculos de acordo com o processo de aprendizagem desse papel (Menegazzo, 1992).

No átomo, os papéis podem encontrar o espaço vivencial propício para o encontro, as condições de possibilidade para o ato de criar e transformar a si mesmos e aos outros. Mas, para desenvolver relações saudáveis de encontro existencial (Eu-Tu), é necessário o desenvolvimento da tele-sensibilidade para si, para os demais e para a compreensão da realidade ou contexto social e cósmico circundante (Ramalho, 2011).

2.2 As relações de vínculo do Eu com o mundo/social - os papéis, as lógicas afetivas de conduta e as relações transferenciais

Nota-se que a reestruturação sociométrica de um vínculo é intrinsecamente influenciada pelos demais papéis que o sujeito assume no contexto do vínculo estabelecido. A compreensão da rede relacional aponta variáveis sociométricas podendo estar relacionada com abandono da vida relacional e a perda da individualidade. A preservação saudável da rede relacional, qualidade dos vínculos, a ampliação e a redistribuição das relações profissionais em detrimento à dificuldade de assumir novos papéis (Silva & Danielski, 2018).

2.2.1 Teoria dos papéis

Moreno (1993) refere-se a papel um conjunto de expectativas, comportamentos e funções criado por um autor dramático ou uma parte de um caráter assumida por um ator. E daí deriva para uma função assumida na realidade social. Calvente (2002) nos lembra que todo indivíduo vive em um mundo que lhe parece inteiramente privado e assume certo número de papéis. Assim, todo papel é uma fusão de elementos privados e coletivos.

Gonçalves et al. (1988) entendem papel como unidade de condutas interrelacionais observáveis, resultantes de uma singularidade e da inserção na vida social. De acordo com Runini (1995), em cada cultura existe uma série de papéis que são designados a todos os membros da sociedade, sendo que o papel é considerado a unidade fundamental da cultura

Os papéis são os embriões ou precursores do eu, que tentam se agrupar e unificar no processo de formação do Eu. Ao descrever o surgimento do Eu, na Matriz de Identidade, afirma que os primeiros papéis assumidos são os fisiológicos ou psicossomáticos. Moreno

(1993) se refere a papéis psicossomáticos, papéis psicodramáticos e papéis sociais. Moreno utiliza indistintamente as expressões “papel psicológico” e “papel psicodramático”.

Quanto ao grau de liberdade da espontaneidade, Moreno (1993) nos apresenta os estágios de tomada de papel (*role taking*), representação de papéis (*role playing*) e criação de papéis (*role creating*). Tais graus de espontaneidade se sucedem, tornando-se, em geral, o indivíduo mais espontâneo à medida que exercita o papel.

No caso dos papéis sociais, na tomada de papéis, o indivíduo reproduz um modelo observado; na representação de papéis já incorpora elementos novos ao papel, mas só na criação de papéis se sentirá suficientemente confortável para atuar independentemente dos comportamentos aprendidos (Moreno, 1993).

Segundo Nery (2014), os papéis imaginários são em grande parte pertencentes ao universo intrapsíquico, sendo inconscientes e internos a cada indivíduo. Além disso, os papéis latentes estão prontos para serem vivenciados nos vínculos sociais quando os projetos dramáticos envolvidos assim o exigirem.

Devido ao seu interesse pelas relações sociais, J.L. Moreno se tornou um dos principais teóricos do estudo dos pequenos grupos, criando a sociometria, sociatria e sociodinâmica. A socionomia, anteriormente conhecida como sistema sociométrico, é definida como a ciência das leis sociais que explora o desenvolvimento social e inclui um projeto e um conjunto de métodos. Embora seja difícil separá-las completamente, a sociometria, a sociodinâmica e a sociatria são transversalmente influenciadas pelo projeto sacionômico. A divisão entre essas dimensões é, no entanto, didática, pois elas criam um espaço para o desempenho de papéis (*role playing*) como um método na educação sócio-terapêutica. A educação sócio-psicodramática, que inclui a visão de Moreno sobre a dinâmica dos grupos, é, por natureza, transversal, pois combina dinâmica, ação, interação e

terapia, abarcando a dimensão da reflexão e explícita o tipo de projeto que está sendo tecido na rede de relações sociais (Ramalho, 2011).

Com base no conceito de papel, um estudo foi apresentado sobre a sociometria dos vínculos, destacando três tipos distintos. O primeiro tipo é composto pelos vínculos atuais, que são aqueles presentes nas relações concretas, onde os participantes se caracterizam pela sua concretude. Já o segundo tipo é formado pelos vínculos residuais, que são aqueles que no passado foram vínculos atuais, mas que atualmente estão desativados. Por fim, o terceiro tipo é representado pelos vínculos virtuais, que são aqueles do âmbito da fantasia e não são encontrados nas relações concretas, ou aqueles que estão muito distantes da realidade concreta do indivíduo, embora sejam reais (Ramalho, 2011).

Além disso, a sociometria proporciona às pessoas um retorno sobre seus padrões, preferências e valores, que são importantes para a vida e a saúde do grupo, e serve como material para a pesquisa psicodramática. Através da sociometria, o grupo pode trabalhar diretamente em sua própria dinâmica, enfrentar conflitos e negociar os papéis de forma a maximizar a inclusão e a coesão grupal (Lipman, 2008).

2.2.2 Transferência

Na literatura psicodramática, a transferência é frequentemente considerada como o aspecto problemático da tele. No entanto, a definição de tele é motivo de certa controvérsia, sendo descrita como a faculdade perceptiva que permite acessar a essência do outro como ele realmente é. A tele é classificada como aquilo que favorece o encontro genuíno com o outro, levando em consideração tanto seus aspectos atraentes quanto repulsivos. Além disso, a tele é vista como a capacidade inata de distinguir entre objetos e pessoas, embora também possa ser observada como o discernimento mútuo entre as pessoas (Santos & Vasconcelos, 2016).

No contexto da teletransferência, o psicodrama deixou uma lacuna no aprofundamento desses elementos, o que pode explicar por que a tele é frequentemente entendida como um componente relacional e intersubjetivo, enquanto a transferência é negativamente associada apenas à responsabilidade daquele que a transfere. Isso leva a debates sobre a teletransferência que são marcados por desvalorização e opiniões divergentes. A transferência é estigmatizada como um sinal de uma relação não saudável, enquanto a tele é atribuído um sentido positivo em relação à qualidade do vínculo estabelecido (Santos & Vasconcelos, 2016).

A transferência ocorre fora do ambiente terapêutico. Experiências passadas podem influenciar a maneira como percebemos situações atuais, levando-nos a acreditar que estamos revivendo eventos anteriores. Essas experiências emocionalmente perturbadoras podem gerar padrões comportamentais e desencadear uma transferência de carga, resultando em uma subsequente autotransferência. A transferência pode ser entendida como escolhas confusas que ocorrem quando não conseguimos distinguir entre a realidade do outro e as imagens que temos em nossa mente (Santos & Vasconcelos, 2016).

Para Perazzo (2010), a transferência pode se mostrar através de sinais indiretos que podem ser verbais, gestuais, uma emoção, um movimento, uma determinada forma de vincular-se. Apesar da aparência diversa, todos sinalizam um mesmo comportamento transferencial, seja no cotidiano ou na cena psicodramática. O autor denomina equivalentes transferências a estes sinais indiretos. E assinala que eles podem servir de guia ao psicodramatista, na busca do status nascendi da transferência.

Ao refletir sobre a função da transferência na terapia psicodramática, Perazzo (2010), conclui que, ao acompanhar o percurso da transferência em direção ao seu status nascendi, deve ficar claro a inspiração de variedade por meio do efeito cacho de papéis dos diversos papéis sociais que se transformavam em papéis psicodramáticos. Dentro da ideia de cachos

de papéis, completam-se as condições para o surgimento do ego. Os aglomerados ou “cachos” de papéis, correspondendo aos “papéis precursores do ego”, formam “egos parciais”, psicossomático, psicodramático e social (Gonçalves et al., 2023).

2.2.3 Lógicas afetivas de conduta

Como já dissemos, os papéis possuem elementos coletivos, comuns ao papel em dada cultura e elementos privados. Tais modalidades vinculares decorrem de uma dinâmica dos vínculos e apresentam aspectos co-conscientes e co-inconscientes. As características privadas no exercício do papel é que determinam a modalidade vincular.

Situações conflituosas vividas pelos indivíduos podem resultar na criação de uma estratégia de sobrevivência emocional, ou seja, padrões de comportamento para enfrentar outras situações em que o indivíduo não se sinta ameaçado por seus temores em circunstâncias semelhantes (Nery, 2014)

Nos vínculos, há ocasiões em que a lógica afetiva de conduta mobiliza o papel complementar interno conservado, e desencadeia uma complementação patológica que resulta em bloqueio da co-criação, sofrimento e angústia. O indivíduo responde a uma situação com um comportamento que é uma resposta conservada, cristalizada e repetida em ocasião semelhante (Nery, 2014).

Perazzo (2010) coloca a transferência como um fenômeno geral. As lógicas afetivas de conduta e os sentimentos que envolvem essa forma distorcida de se vincular são aquilo que é transferido. Assim, as lógicas afetivas de conduta também podem ser a bússola do psicodramatista no caminho em busca do status nascendi da transferência e do desencapsulamento dos papéis imaginários. As lógicas afetivas de conduta também se

transferem, através do efeito cacho de papéis, para papéis sociais diversos daquele que as inaugurou, porém com padrões semelhantes de atuação.

2.3 Espontaneidade e Criatividade - desenvolvimento de novas narrativas

Algumas vezes, este confronto do desejo com a interpolação de resistência, resulta numa ausência de espontaneidade e criatividade que faz com que a não-atuação vá além da situação na qual se impôs a resistência. É imponderável de ser quantificado qual o desejo capaz de determinar se a impossibilidade de atuação ficará restrita ao papel ao qual se ofereceu resistência, ou ocorrerá a migração do impedimento à atuação a outros papéis sociais, o que configurou a transferência (Ramalho, 2011).

Naffah Neto (1997) afirma que espontaneidade e criatividade são o núcleo da teoria sicionômica e discute vastamente o tema, bem como a relação entre os dois conceitos. Na visão moreniana o homem é visto como possuidor de espontaneidade, criatividade e sensibilidade inatas (Gonçalves et al., 1988).

Garrido Martín (1996) ressalta que as teorias de mundo, de homem, do adoecer e do curar de Moreno foram embasadas na espontaneidade e todas as suas técnicas terapêuticas visam despertar a espontaneidade criativa do homem. Perazzo (1994) também coloca como núcleo central do psicodrama a Teoria da Espontaneidade-Criatividade em articulação com a Sociometria e a Teoria de Papéis. Diante deste panorama, podemos afirmar que a importância crucial do conceito de espontaneidade é consenso entre os psicodramatistas.

Moreno (1993) concebia o nascimento, não como um momento doloroso de passagem do conforto e proteção da vida intra-uterina para o desconforto e riscos da vida extra-uterina, mas como a primeira manifestação de espontaneidade, através de uma resposta adequada à situação. A espontaneidade é, para ele, a capacidade de o indivíduo agir de forma “adequada” ante as situações novas. Assim, se o sujeito age com espontaneidade estará criando novas

respostas às situações que se apresentam. Se, ao contrário, os mesmos comportamentos são conservados, originam-se conservas culturais e perde-se a criatividade (Gonçalves et al., 1988).

Naffah Neto (1997) enfrenta o desafio de trazer mais clareza, precisão e distinção entre os conceitos de espontaneidade e criatividade. Para tanto, busca elementos nas obras de Moreno. E de lá extrai indicações tais como: Espontaneidade implica sempre um grau de adequação e originalidade, mas não sempre em criatividade; A originalidade é entendida como uma ampliação ou variação única em torno da conserva cultural, tomada como modelo; Se uma mudança é inspirada por uma conserva cultural está em operação a originalidade.

No psicodrama, a ênfase é dada na ação dramática por trazer a oportunidade de exteriorizar o que o paciente traz, suas experiências internas e externas. A espontaneidade e criatividade são molas propulsoras para vinculações que contribuam com vínculos fortalecidos sendo ferramentas de intervenção ou coconstrução com o sujeito a partir da história narrada, onde o sujeito se percebe e talvez seja possível ele pensar em suas repetições ao narrar sua história (Ramalho, 2011).

CAPÍTULO III: MAPA CORPORAL - POSSIBILIDADE DE REENCONTRO COM A IDENTIDADE E O PERTENCIMENTO

3. 1 Corpo

O corpo desempenha um papel fundamental no estabelecimento e na manutenção dos vínculos afetivos da criança, além de ser uma ferramenta essencial para seu desenvolvimento emocional e aprendizado. Desde cedo, a criança utiliza seu corpo como um meio de se conectar com os outros e expressar suas emoções. As experiências sensoriais e motoras vivenciadas pelo corpo contribuem para a compreensão e regulação das emoções. O corpo, nesse sentido, é o veículo primário pelo qual a criança explora o mundo, expressa suas necessidades e constrói relacionamentos significativos (Nery, 2014). Um corpo só adquire existência social mediante uma interpelação linguística que, em ato contínuo, traz o corpo ao fluxo de inteligibilidade. O corpo, ao ser reconhecido, é ao mesmo tempo constituído, tornado possível (Demetri, 2018).

O corpo é o principal instrumento de luta em relação aos mecanismos de poder. Este não deve ser visto como algo que uns detêm e os outros não, mas como uma relação que se exerce entre os pares, como estratégia crítica sob os discursos de verdades, ou seja, as imposições das classes dominantes devem ser refutadas (Melo, 2014).

No Psicodrama, podemos identificar três dimensões em que o corpo é abordado. A primeira dimensão é a do corpo físico, que se refere à dimensão biológica do corpo. É o corpo que pode adoecer fisicamente e que é responsável pelo movimento e percepção sensorial. A segunda dimensão proposta é a do corpo psicológico ou simbólico, onde se encontram as representações afetivas de cada parte do corpo ou da doença. Nesta dimensão, o somático adquire um significado psicológico único para cada indivíduo. Por exemplo, uma

condição cardíaca no corpo físico pode significar, nessa dimensão, um sentimento de desamparo, enquanto uma disfunção sexual pode ser interpretada como uma agressão. A terceira dimensão é a do corpo energético, que resulta da interação entre o corpo físico e o psicológico ou simbólico. A importância do corpo energético está no fato de que ele pode ser afetado antes mesmo de uma doença se manifestar (Carezzato, 2004).

A exposição do corpo LGBTQ como um corpo que é subjugado e submetido à violência, e até mesmo ao homicídio, em todos os âmbitos onde o poder circula, desde espaços universitários até espaços e territórios urbanos. Isso promove a questão conhecida como LGBTfobia, que precisa ser denunciada, discutida e debatida em todas as esferas onde o poder circula. Somente assim outras formas de existência podem ser reconhecidas, respeitadas e serem capazes de existir em sua diversidade (Ribeiro et al., 2019).

A normatividade compulsória do corpo afeta indivíduos LGBTQ e aqueles que não se encaixam nela podem sofrer as consequências de sua transgressão. Nesse contexto, é comum que haja medo individual, que reflete as ideias deterministas que corporificam as experiências de corpos que desafiam o ideal normativo (Zanetti, 2022).

A violência perpetrada contra indivíduos está intrinsecamente relacionada à violência infligida em seus corpos. Ao classificar um crime como homofóbico, o grau de violência empregado e as marcas deixadas nos corpos das vítimas são considerados critérios importantes para essa classificação. A intensidade da violência é um fator chave para a qualificação do crime e muitas vezes justifica a reivindicação dessas mortes (Efrem, 2016).

A discriminação leva a danos e degradação do indivíduo, manifestando-se na categorização negativa dos corpos. No contexto do Brasil, as pessoas LGBTQ enfrentam violências dentro do enquadramento rígido de masculino/feminino. A estigmatização da comunidade LGBTQ reflete um modelo desafiado por meio de novas manifestações de preconceito e discriminação (Aquino & Mari, 2017). Assim, a descrição do mapa corporal

narrado se torna uma ferramenta para abrir diálogo sobre os corpos de grupos vulneráveis dentro da diversidade de gênero.

3.2 O mapa corporal narrado

O método utilizado caminha a partir de uma abordagem visual qualitativa a qual tem como foco as intenções e interpretações dos participantes, bem como o envolvimento do pesquisador no estudo e na construção social da realidade, compreendendo como a experiência é construída e como adquire significado (Melo et al., 2015). Os mapas corporais podem ser definidos como um desenho em tamanho real do corpo humano. O participante tem a oportunidade de contar sua história ao passo do processo de “mapeamento corporal” usando pinturas, colagem ou outras técnicas artísticas para representar visualmente aspectos da vida das pessoas (Gastaldo et al., 2012).

Os mapas são artefatos visuais criados com o objetivo de documentar uma jornada que estimula reflexão e compreensão por meio de palavras, imagens e mensagens. Esses mapas são empregados por pesquisadores, líderes comunitários, ativistas e profissionais da saúde como uma ferramenta para o trabalho comunitário. Eles são elaborados, descritos e analisados principalmente pelos próprios autores, o que faz com que os participantes sejam informantes capazes e poderosos para discutir e esclarecer suas trajetórias de vida por meio do desenho de seus corpos e circunstâncias sociais (Conceição et al., 2021).

O mapa corporal narrado é primariamente uma abordagem de pesquisa que visualmente examina os processos sociais, políticos e econômicos, bem como as experiências incorporadas e os significados atribuídos às circunstâncias de vida que influenciaram o desenvolvimento dos participantes. Esta abordagem pode conectar tempos e espaços na vida das pessoas que, em relatos lineares mais tradicionais, seriam vistas como dimensões separadas e distantes (Conceição et al., 2021).

De acordo com Gastaldo et al. (2012), o propósito de usar o mapeamento corporal é o de envolver os participantes em um exame crítico do significado de suas experiências únicas, que não podem ser simplesmente alcançadas por meio de conversas. Desenhar símbolos e selecionar imagens ajuda-os a contar uma história e, ao mesmo tempo, desafia-os a procurar significados que representem quem eles se tornaram durante seus processos.

Os conhecimentos derivados dos estudos utilizando a metodologia do mapa corporal narrado como instrumento de pesquisa, compilados em uma revisão sistemática de literatura metassintética, trazem três fortes contribuições: (1) a inovação criativa do mapa corporal narrado, embora ainda requeira fundamentação, (2) seu grande potencial terapêutico (o que o coloca como uma excelente ferramenta de pesquisa-intervenção em psicologia clínica e comunitária), e (3) sua afinada crítica ao discurso hegemonicamente instituído (Moreira & Conceição, 2020).

O fato de ser uma metodologia que promove um diálogo menos assimétrico entre pesquisador e participante faz dessa ferramenta uma forte aliada das perspectivas de pesquisa de cunho participativo e emancipatório. Nesse sentido, futuros estudos poderiam explorar a relação participante-pesquisador, levando em consideração os respectivos lugares de fala, algo negligenciado nos artigos estudados (Moreira & Conceição, 2020). Por se tratar do método escolhido neste estudo, o mesmo será retomado com maiores detalhes na respectiva seção metodológica desta pesquisa.

CAPÍTULO IV: MÉTODO

Esta pesquisa teve como método uma abordagem visual qualitativa a qual tem como foco as intenções e interpretações dos participantes, bem como o envolvimento do pesquisador no estudo e na construção social da realidade, compreendendo como a experiência é construída e como adquire significado (Melo et al., 2015). Foi utilizado o mapa corporal narrado que pode ser definido como um desenho do corpo em tamanho real. O participante pode contar sua história ao longo do processo de “mapeamento corporal” usando pinturas ou outras técnicas artísticas para representar visualmente aspectos de sua vida (Gastaldo et al., 2012).

De acordo com Gastaldo et al. (2012), o propósito de usar o mapeamento corporal é o de envolver os participantes em um exame crítico do significado de suas experiências únicas, que não podem ser simplesmente alcançadas por meio de conversas. Desenhar símbolos e selecionar imagens ajuda-os a contar uma história e, ao mesmo tempo, desafia-os a procurar significados que representem quem eles se tornaram durante o processo de vida que culminou com sua ida à casa de acolhimento. As autoras adaptaram essa metodologia de mapa corporal de um modelo de terapia de grupo usado para pessoas que viviam com HIV/AIDS na África. Em linhas gerais, os mapas corporais podem ser definidos como imagens do corpo humano em tamanho natural criados por meio de técnicas de desenho, pintura ou outras técnicas baseadas na arte para representar visualmente aspectos da vida das pessoas, seus corpos e o mundo em que vivem. O mapeamento do corpo é uma forma de contar histórias, muito parecido com totens que contêm símbolos com diferentes significados, mas cujo sentido só pode ser entendido em relação à história e à experiência geral do criador.

O mapeamento corporal mostra-se um método eticamente apropriado para a geração de dados, já que os mapas corporais ajudam a manter o anonimato ao não expor o indivíduo,

ao mesmo tempo em que tornam os participantes visíveis como seres humanos engajados na sociedade. Essa abordagem de pesquisa baseada em métodos ativos é congruente com a metodologia visual que “permite que as pessoas se comuniquem de maneira significativa sobre suas identidades e experiências (...) através da produção criativa das coisas, e então refletindo sobre o que eles fizeram” (Gaunlett & Holzwarth, 2006, p. 82).

4.1 Objetivos da pesquisa

Tendo em vista o cenário de exclusão social e de acirramento das vulnerabilidades a que estão expostas as pessoas com identidade e orientação sexual diversa da cisheteronormativa, esta pesquisa se propôs ao aprofundamento da compreensão das construções subjetivas possíveis nesses contextos, com base nos seguintes objetivos geral e específicos.

4.1.2 Objetivo geral

Compreender as construções subjetivas mediadas corporalmente de uma pessoa gay em situação de vulnerabilidade por meio do mapa corporal narrado

4.1.3 Objetivos específicos

- Compreender como o contexto familiar se relaciona à ampliação de vulnerabilidade enfrentada por uma pessoa homossexual;
- Descrever como um sujeito homossexual significa sua própria história de vida e como isso se traduz corporalmente;
- Levantar fatores que ampliam as vulnerabilidades do sujeito homossexual.

4.2 Contexto de realização da pesquisa

A pesquisa procurou compreender a subjetividade de um sujeito LGBTQ em situação de vulnerabilidade. Foram convidados a participar desta pesquisa residentes vinculados a uma casa de acolhimento LGBTQ no Distrito Federal. Embora o convite tenha se estendido a todos os seus moradores, apenas um deles efetivamente se dispôs a participar. Ressalta-se que a pesquisa teve anuência da casa de apoio – Casa *Queer*, mediante Termo de Anuência o qual se encontra no Anexo E.

Ao realizar uma pesquisa sobre a disponibilidade de casas de acolhimento, projetos e repúblicas destinados ao apoio especificamente ao público LGBTQ em situação de vulnerabilidade no Distrito Federal, não foram encontradas informações. Porém, cabe ressaltar a oferta de serviços vinculada ao Centro de Diversidade unidade do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) que executa os serviços da média complexidade da Política de Assistência Social. A ausência de dados concretos pode indicar possíveis lacunas na divulgação e no acesso a tais recursos na região, ressaltando a importância de promover maior visibilidade e apoio para atender às necessidades específicas dessa comunidade em situação de vulnerabilidade.

Quando entrei em contato com a Casa *Queer*, o idealizador do projeto compartilhou seu envolvimento e sobre como construiu uma casa de acolhimento para o público LGBTQ. Ele explicou que começou a se preocupar com a comunidade LGBTQ em 1990, durante o surto da aids, quando perdeu amigos para a doença e notou a exclusão e isolamento que os sujeitos LGBTQ enfrentam na sociedade. Ele próprio se sentia solitário na época. Ao visitar hospitais, ele viu como os pacientes LGBTQ eram abandonados e ignorados pelos profissionais de saúde e suas famílias. Ele decidiu dedicar sua vida profissional a cuidar dessas pessoas e estudou enfermagem para poder lidar tecnicamente com pacientes

soropositivos. Quando perguntado sobre sua motivação para criar a casa de apoio, ele explicou que essa ideia é antiga e vem da sua experiência pessoal durante a crise da aids.

Em 2018, a Casa *Queer* iniciou uma campanha para criar um espaço para a população em situação de rua e em 2019, conseguiram abrir o espaço. Antes disso, trabalhavam com essa população no CentroPop e costumavam trazer algumas mulheres trans para o espaço, mas elas não ficavam por muito tempo.

Além disso, era difícil manter algumas pessoas na Casa *Queer* devido ao uso de drogas. Muitos que chegavam queriam apenas descansar, pois não conseguiam dormir bem nas ruas. Inicialmente, em 2019-2020, o espaço era destinado apenas para pessoas em situação de rua, mas com a chegada da pandemia de COVID-19, tiveram que interromper o acolhimento dessa população, devido ao risco de contágio.

4.3 Participantes

A pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2022 com um homem cisgênero adulto de orientação homossexual em situação de vulnerabilidade e recorreu aos serviços prestados pela casa de apoio Casa *Queer* para auxílio diante do contexto de vulnerabilidade/risco social.

A coleta de dados foi realizada com um participante por meio do mapa corporal narrado. A escolha do participante deu-se por conveniência e se baseou em usuários do serviço acompanhados pela pesquisadora em que o processo de vinculação facilitaria o compartilhamento da sua história de vida, e propicia a aceitação do uso da técnica do mapeamento corporal.

Os materiais usados para a confecção do mapa corporal foram: caneta hidrográfica, barbante, lápis de cor, giz de cera, recortes de revistas e jornais, palito de picolé, cola, cola

colorida, fitas coloridas, piloto de quadro branco, lápis grafite e papel e bobina de papel 914mm para o desenho do corpo em tamanho real.

A aplicação em uma pesquisa com mapa corporal narrado requer habilidade e empatia por parte dos pesquisadores na condução dos processos, pois ao contar sua história, é possível que se evoquem lembranças que podem acessar traumas, sentimentos de abandono, rejeição e demais emoções que emergem ao entrar em contato com suas histórias. Sendo assim, ao final da aplicação, caso o participante apresentasse interesse, foram sugeridas instituições que ofertam atendimento psicológico, como faculdades e instituições públicas que oferecessem o serviço gratuitamente, visto a falta de recursos financeiros do público.

4.4 Procedimentos de coleta de dados

O mapeamento corporal narrado permite que o participante conte sua história, enquanto que o processo de "mapeamento corporal" consiste em criar mapas do corpo por meio de desenhos, pinturas ou outras técnicas artísticas para representar visualmente aspectos da vida das pessoas, seus corpos, o mundo em que vivem e suas experiências pessoais (Gastaldo et al., 2019). A pesquisadora se apresentou e em seguida o participante fez o mesmo. Foi explicada a técnica do mapa corporal e a relação com a pesquisa. Foram apresentados os recursos disponíveis e como cada material artístico poderia ser usado. Indagou-se o participante se tinha alguma dúvida sobre o exposto, antes de iniciar. A pesquisadora se manteve atenta ao nível de ansiedade e envolvimento com a atividade. Antes de iniciar, apresentou o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), pediu permissão para realizar a gravação e solicitou a assinatura do TCLE.

4.5 Execução

4.5.1 Primeiro encontro

A realização das entrevistas e do mapa corporal foram conduzidas exclusivamente por mim, pesquisadora principal. Após a explicação prévia e aquecimento para a realização do mapa corporal, o participante foi convidado a deitar em uma folha de papel maior do que o seu corpo e a assumir uma postura que o representasse naquele momento. Certifiquei-me de que o participante estava confortável e que não portava adereços ou objetos que pudessem interferir no contorno do seu corpo. A partir dessa representação, a vivência do sujeito como um homem homossexual é abordada e retratada no mapa corporal.

Durante a atividade, foram explorados diversos temas relacionados à sua identidade, como origem, família, estilo de vida e sentimentos, entre outros assuntos relacionados. A primeira etapa consistiu na representação desses temas por meio de desenhos no mapa corporal narrado. Em seguida, o participante foi convidado a refletir sobre esses símbolos e criar um *slogan* que fosse significativo para ele. Esse *slogan* poderia ser escrito em forma de frase ou imagem, e tem como objetivo expressar de forma clara e concisa a sua vivência como um homem homossexual.

Na época da coleta de dados, João havia perdido a mãe havia quase três anos, um acontecimento que abalou profundamente sua vida. Ele é o sexto filho e o caçula da família. Após a partida de sua mãe, sua vida começou a desmoronar. Foi nesse momento que sua irmã entrou em cena. No hospital, ela perguntou se ele ficaria com a casa da mãe e o que aconteceria a partir dali. No entanto, eles nunca se deram bem. Para evitar conflitos maiores, ele decidiu abandonar sua casa. A partir daí, passou a se deslocar de um lugar para outro morando sempre em moradias diferentes. No período em que morou com o irmão, percebeu que foi a pior decisão que ele poderia ter tomado, rompendo os vínculos com sua família.

Durante o tempo em que sua mãe ficou internada, ele contraiu a COVID-19. Ele também quase morreu por causa da doença. Quando sua mãe faleceu, levou cerca de um ano para que ele se recuperasse dessa perda. Com tantas coisas acontecendo em sua vida, ele

começou a ter várias crises renais causadas pela sequela da COVID-19 e pelas humilhações que estava enfrentando. Esses problemas afetaram seus rins, de acordo com seu relato.

Desde a infância, ele e sua mãe eram inseparáveis. Ela foi a única pessoa que realmente o criou e cuidou dele. Era apenas ele e sua mãe, e ele era responsável por cuidar dela até o último suspiro, ao contrário dos outros filhos, que só apareceram quando ela já estava no caixão. Ele esteve ao lado dela, dentro do hospital, do começo ao fim. Portanto, ele não carrega culpa por nada.

O exercício do mapa corporal narrado é uma técnica eficaz para a expressão de emoções e sentimentos, permitindo que o participante se conecte com a sua identidade e crie um espaço para a reflexão e o autoconhecimento. Ao abordar temas específicos relacionados à sua vivência como sujeito homossexual, essa atividade pode proporcionar um maior entendimento e aceitação da sua identidade.

4.5.2 Segundo encontro

Ao final do primeiro encontro, João relata sentir uma sensação de vazio, dessa forma, sugeri que a proposta do encontro fosse o desenvolvimento desse vazio e vivência dentro desse processo de ansiedade e angústia em suas relações, expressas pelo participante. Para isso, é solicitado que ele compartilhe informações sobre suas relações familiares, sociais, pessoais e profissionais antes e depois de chegar à casa de apoio. A partir dessas perguntas, é explorada a representação dessas experiências no corpo, bem como a descrição de como elas aconteceram e qual foi o significado para o participante.

Informa que o pai já foi embora, porém é uma notícia que para ele tanto faz, porque o pai rejeitou a gestação e a mãe o criou sozinha. Conheceu ele quando ainda era pequeno, mas afirma que não fez muita diferença para ele. Sobre a relação com os irmãos, comenta que a

irmã mais velha era a “ovelha negra da família” e se algo de ruim acontecer com ele, a irmã não dará assistência.

O que o deixou pra baixo foi a questão de perder o emprego. A empresa o dispensou, e seu plano era sair do abrigo no começo do ano de 2023. Parecia que havia algo prendendo-o ali, mas ele estava determinado a não permanecer, pois não era o que ele realmente queria. Se fosse o caso, ele simplesmente abaixaria a cabeça e deixaria tudo acontecer, mas não era essa a sua vontade.

Ao final, é questionado se o desenho do mapa corporal o representa adequadamente e o que pode ser modificado para melhor representar suas vivências. Essa atividade tem como objetivo promover a reflexão sobre as experiências do participante e sua relação com a ansiedade e angústia nas diferentes esferas da vida. Ao explorar a representação dessas experiências no corpo via mapa corporal, é possível que o participante se conecte com suas emoções e sentimentos, e possa expressá-los de forma mais clara e consciente. A oportunidade de modificar o desenho do mapa corporal ao final da atividade permite que o participante faça ajustes que possam melhor refletir suas vivências e sentimentos, proporcionando um espaço de autoexpressão e autoconhecimento.

4.5.3 Instrumentos

Com a finalidade de atender os objetivos da pesquisa foi realizada entrevista semi estruturada, com roteiro inicial, Anexo D, e construção do mapa corporal narrado; conforme etapas em Anexo B.

4.6 Coleta e análise de dados

Os encontros ocorreram em Brasília, Distrito Federal, no ano de 2022, durante o segundo ano de pandemia causada pelo Coronavírus que se espalhou abruptamente em todo o

Brasil e no mundo. Um roteiro previamente construído de questões norteadoras orienta a construção do mapa corporal. As questões servem para auxiliar a aplicação do mapa corporal em consonância com a narrativa da história de vida e explorar temas específicos de interesse para o pesquisador. Como resultado, ocorreram dois encontros para a construção do mapa corporal, com um intervalo de duas semanas entre cada encontro e uma duração média de duas horas. Todos os encontros contaram com a presença da pesquisadora na construção do mapa corporal. Recomenda-se a realização do mapa em três encontros, mas dada a dificuldade de conseguir esse tempo do participante, adaptou-se a execução do mesmo em dois encontros, sem prejuízo de sua confecção completa. Ou seja, mesmo com menos disponibilidade de encontros, o mapa foi elaborado de forma satisfatória, abrangendo todas as informações necessárias e cumprindo seu propósito.

A pesquisadora inicialmente apresentou a técnica do mapa corporal e a relação com a pesquisa e foi acordada a participação nos encontros para o desenvolvimento da metodologia. Apresentaram-se os recursos disponíveis e como cada material artístico pôde ser usado e tiradas todas as dúvidas sobre o exposto, antes de iniciar. A coleta foi desenvolvida após a aprovação desse projeto e assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo participante.

Análise dos dados: Os procedimentos de análise dos dados seguem o paradigma interpretativo, utilizando-se a análise temática indutiva da conversação para tratamento das entrevistas de história de vida mediadas pelo mapa corporal (Silva & Borges, 2017). A análise temática é um método analítico qualitativo amplamente utilizado em pesquisas da área da Psicologia. Os dados são tratados pela análise temática dialógica a partir dos seguintes procedimentos: (a) a transcrição das entrevistas; (b) a definição da unidade analítica; (c) a leitura intensiva do material transcrito; (d) a organização das enunciações em

temas e subtemas (análise das recorrências, relações e similaridades de significados nas enunciações); (e) a elaboração e análise de mapas semióticos (Braun & Clarke, 2006)

A análise temática indutiva (Clarke & Braun, 2017) foi usada para realizar a análise empírica do mapa corporal narrado e em seguida transcrevendo e codificando os dados empíricos após a leitura de semelhanças e contradições no material de entrevista.

A Tabela 1 mostra de forma sistemática as fases para a realização da análise temática, as quais foram seguidas para a análise das entrevistas e apresentação dos resultados da pesquisa.

Tabela 1: Fases da Análise temática

Fase	Descrição do processo
1) Familiarização com os dados	Transcrever os dados e revisá-los; ler e reler o banco de dados; anotar ideias iniciais durante o processo.
2) Gerando códigos iniciais	Codificar aspectos interessantes dos dados de modo sistemático em todo o banco; reunir extratos relevantes a cada código.
3) Buscando temas	Reunir os códigos em temas potenciais; unir todos os dados pertinentes a cada tema em potencial.
4) Revisando temas	Checar se os temas funcionam em relação aos extratos e ao banco de dados na sua totalidade; gerar mapa temático da análise.
5) Definindo e nomeando temas	Refinar os detalhes de cada tema e a história que a análise conta; gerar definições e nomes claros a cada tema.

-
- 6) Produzindo o Fornecer exemplos vívidos; realizar a última análise dos extratos relatório escolhidos na relação com a pergunta de pesquisa e literatura; fazer o relato científico da análise.
-

Fonte: Braun & Clarke, 2006, p. 87.

4.7 Considerações éticas

O projeto foi submetido para análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade de Brasília. O participante foi informado sobre as etapas da pesquisa conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexos C) e o Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz (Anexo A) para fins de pesquisa.

Quanto aos termos de uso de imagem e som, eles se fizeram necessários considerando que a importância da gravação dos encontros para a análise dos dados e melhor percepção da comunicação verbal e não verbal ao longo dos encontros. O participante foi informado sobre todas as etapas da pesquisa e recebeu os esclarecimentos necessários enfatizando a manutenção do sigilo e da omissão total de informações que permitam identificá-lo.

Nos encontros com o participante foram respeitadas todas as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS) e legislações federais e municipais pertinentes, no que tange aos cuidados de prevenção à COVID-19.

Capítulo V: RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Dados do participante e narrativa sobre sua história de vida

A Figura 1 traz o mapa corporal de João por onde foi possível explorar suas emoções e sentimentos de uma maneira diferente. Com uma folha em branco, tesoura, cola e revistas em mãos, João recortou imagens e palavras que representavam seus sentimentos e as colocou em diferentes partes do seu corpo desenhado no papel. Ele usou palavras como "respeito", "raiva" e "afeto" para descrever suas emoções mais profundas, e acrescentou outros recortes que retratavam seus interesses e aspirações.

Antes da aplicação do mapa pedi para João deitar em uma na cartolina que foi aplicado o mapa, fechar os olhos e imaginar uma tela de cinema em branco, como forma de aquecimento. Instruí para que pudesse visualizar a história de sua vida projetada naquela tela, como se fosse um filme. Queria explorar as memórias, os sonhos e as possibilidades que poderiam surgir dessa experiência. Era uma forma de conectar-se consigo mesmo e refletir sobre sua jornada até o momento presente. A partir disso foi dada a consigna que pudesse colocar seus sentimentos e sobre sua vivência no mapa.

João trabalhou meticulosamente no seu mapa corporal, adicionando detalhes e significados em cada elemento que colocou. Ele finalizou o seu trabalho com a frase "Estou Pronto!", como um *slogan* para sua vida. Esse processo de autoconhecimento através do mapa corporal permitiu que João sondasse seus sentimentos, pensamentos e desejos, enquanto desenvolvia uma melhor compreensão de si mesmo.

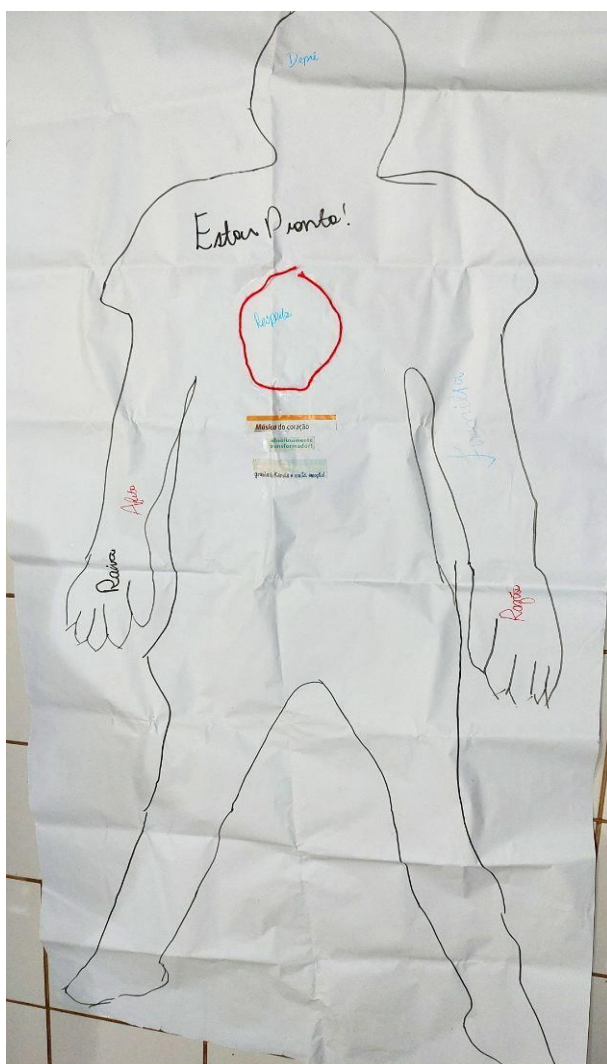


Figura 1. A história de João

Na imagem do mapa corporal está o traço do corpo inteiro do participante em que no centro do peito está escrito “Estou pronto” e logo embaixo a palavra "Respeito" com um círculo vermelho em volta. Logo em seguida está escrita as frases “música para o coração” e “absolutamente transformador”. Na mão direita está escrito “Raiva” e “Afeto” e na mão esquerda está escrito “Razão”. Em sua cabeça está escrito “Deprê” e da cintura para baixo está vazio.

Relato de caso: Encontros, desencontros e conexões na luta por direitos LGBTQ: a história de João

João, um homem homossexual cisgênero de 40 anos de idade, teve uma jornada difícil antes de encontrar a casa de apoio. Antes de encontrar a casa, ele morava com sua mãe, porém após a morte de sua mãe enfrentou dificuldades familiares e desafios em sua vida pessoal que tornou necessário seu encontro com a casa de apoio. Foi através de uma amizade na casa de apoio que João ouviu falar sobre o projeto que decidiu buscar ajuda.

Desde que chegou à casa de apoio, João tem se beneficiado do suporte e da comunidade oferecidos pelo projeto. Ele já está na casa há um ano e meio e tem sido capaz de construir relacionamentos significativos com outras pessoas que também estão na casa. João tem sido um membro ativo da comunidade, contribuindo para o ambiente acolhedor e inclusivo da casa de apoio.

Embora a jornada de João não tenha sido fácil, ele tem encontrado apoio e solidariedade na casa de apoio. Essa comunidade tem sido fundamental para ajudá-lo a superar os desafios que enfrentou e a construir uma vida mais positiva e satisfatória para si mesmo.

5.2 Temas a partir do mapa corporal

Tabela 2: Síntese da análise temática – temas e descrições

Temas	Breve descrição
O amor entre pessoas do mesmo gênero é igualmente amor, portanto, tão complexo quanto qualquer outro tipo de amor	Esse tema explora experiências pessoais de ansiedade relacionadas à visão do amor em relação aos homens. São abordadas situações de traição, a complexidade do relacionamento e a busca pela liberdade emocional. O tema central trata das relações amorosas entre pessoas do mesmo gênero, enfatizando a complexidade do amor

	que transcende as limitações impostas pelas categorias de gênero. Isso demonstra que estamos inseridos numa sociedade monogâmica, que privilegia o amor romântico capitalista e patriarcal.
A balança da saúde mental: equilibrando razão e emoção.	Este tópico explora como o mundo contemporâneo permeado por machismo, racismo e homofobia pode afetar a saúde mental das pessoas e como a dificuldade de encontrar uma identidade e um senso de pertencimento que são influenciados e influenciam a sociedade podem agravar essa instabilidade.
O abrigo é a família sociométrica dos rejeitados: um lugar de pertencimento	A busca por um pertencimento se materializa em um lugar físico e com o recebimento de acolhida que não foi encontrada no lócus da matriz de origem, da família. Romper com vínculos familiares traz a busca por novos vínculos sociais, é o que aborda esse tema
Posso simplesmente ser eu	Este tema discute a pressão social pela performance e como ela afeta a busca pela identidade e aceitação pessoal e do outro. É enfatizada a importância do autoconhecimento através da exploração do corpo e da descoberta de que não é necessário seguir padrões para se encontrar e assumir a própria identidade.

5.2.1 O amor entre pessoas do mesmo gênero é igualmente amor, portanto, tão complexo quanto qualquer outro tipo de amor

A busca por amor é a busca por homeostase psíquica que traz o sentido da existência. A conquista do amor torna-se motivação básica da conduta humana e do estabelecimento de vínculos. O amor favorece o desenvolvimento social, pois é o fundamento sociométrico para

as escolhas positivas e negativas (Nery, 2014). João compartilha em sua experiência com relacionamentos que se sente sozinho na relação expressando um perfil de solidão e desconexão dentro de seu relacionamento amoroso, podendo ser a razão da quebra de homeostase psíquica que cause angústia existencial. Ele pode estar se referindo a uma sensação de isolamento emocional em que ele não se sente compreendido e apoiado pelo parceiro.

Moreno (1993) afirmava que o amor era a principal força motivadora do comportamento humano e que a sociometria pode ajudar a identificar os laços emocionais entre os indivíduos e as dinâmicas de grupo, possibilitando uma melhor compreensão dos processos de formação e dissolução de relacionamentos amorosos e afetivos.

Ao relatar sua ansiedade em sua vida amorosa com outro rapaz, João está expressando uma preocupação com a falta de reciprocidade dentro de sua relação. “Não é carência, é que eu penso assim, eu não to esperando um retorno, mas a pessoa tinha que ter pelo menos a consciência”, expressando a falta de reciprocidade dentro da relação levando a um sentimento de insatisfação e frustração em um relacionamento.

Embora pareça paradoxal, é quando os membros do grupo se conscientizam da impossibilidade de uma comunicação satisfatória e reconhecem a natureza contingente dos vínculos que eles experimentam um vínculo que é capaz de sobreviver à angústia e superá-la sem negá-la. Quando a angústia é aceita, a solidariedade se torna consciente e floresce em um amor autêntico. Nesse momento, o grupo se transforma em uma cooperativa de reeducação mútua (Ramalho, 2011).

Foi constatado que a compreensão da satisfação na relação está relacionada à estabilidade dos papéis que desempenham em conformidade com os acordos estabelecidos. Em outras palavras, a conciliação dos objetivos compartilhados pelo casal com seus projetos

peçoais e individuais é um fator determinante para a saúde na relação (Silva & Danielski, 2018).

Durante a narrativa de seu mapa corporal, João introduz a frase “em busca do coração”. Intrigado com o significado dessa frase, questionei-o sobre o que ela representava. João respondeu que a frase era uma referência à sua voz interior, às suas aspirações mais profundas. Ele explicou que, ao dizer "em busca do coração", estava se referindo ao desejo que sentia em seu interior de superar sua situação atual e buscar um futuro melhor. Segundo João, essa voz interior era guiada mais pela emoção do que pela razão, mas ambas as forças eram importantes em sua busca por um caminho significativo em sua vida.

Neste trecho, fala sobre a busca pelo amor e destaca a importância de reconhecer suas vulnerabilidades materiais e concretas com o auxílio da razão. Ele defende que o amor é fundamental para lidar com essa dicotomia entre a razão e a emoção, além de contribuir para a saúde mental. É interessante notar que, ao enfrentar suas dores físicas, o indivíduo também satisfaz suas necessidades internas e pessoais, não se limitando apenas ao amor romântico. Zanetti (2022) traz a compreensão sobre a influência de uma forma histórica como os corpos LGBTQ foram moldados para se adequarem à natureza heterossexual, o que também inclui a percepção de que não se encaixa nos ideais estabelecidos. Um casal LGBTQ, por estar inserido na sociedade e cultura monogâmica cisheteronormativa, desafia padrões e são conscientes disso.

Quando perguntado sobre sua visão para o futuro no amor, João respondeu de forma otimista e confiante. Para ele, o futuro é livre e alegre, com muitas coisas boas por vir. No entanto, ele enfatiza que sua felicidade não depende do amor ou de outra pessoa em sua vida. Em vez disso, João acredita que é responsável por criar sua própria felicidade e que um relacionamento amoroso só pode acrescentar a essa felicidade, e não ser a fonte dela.

Essa perspectiva de João destaca a importância da independência emocional e da autoconfiança em um relacionamento saudável e satisfatório. Ele entende que, embora o amor seja importante e possa trazer muitas coisas boas, ele não deve ser visto como a única fonte de felicidade em sua vida. Em vez disso, João mantém um senso de autonomia e controle sobre sua própria felicidade, permitindo que ele tenha uma perspectiva positiva e equilibrada em relação ao amor e ao futuro. Nesse sentido, percebe-se pela fala de João que as reflexões ao construir o mapa o trazem para uma consciência quanto ao equilíbrio emocional o que denota uma ampliação da sua saúde mental, embora ainda tenha desafios a serem enfrentados como a manutenção de um vínculo comunitário, uma autonomia maior tendo acesso a um local de vivência na comunidade e acesso a segurança de renda o que o coloca ainda na condição de um indivíduo que enfrenta um contexto de vulnerabilidade.

Podemos perceber que estabelecer um novo vínculo social pode ser benéfico para superar padrões afetivos de comportamento que bloqueiam a cocriação e, ao invés disso, favorecer aprendizados de comportamentos afetivos que estimulem o desenvolvimento humano, a autoestima e a manifestação da espontaneidade-criatividade. Porém, é crucial ter consciência de que um laço social existente também pode ser limitante, pois as pessoas podem se encontrar aprisionadas por padrões emocionais (Nery, 2014).

Com base nas considerações expostas, parece que o receio e a insegurança de amar fora dos padrões estão intrinsecamente ligados à construção de uma sociedade que uniformiza até mesmo as formas de desejar e amar. Em outras palavras, se existem amores e desejos tão diversos que buscam relacionamentos fora do padrão, nesse contexto, parece que o contato com corpos, amores e desejos que desafiam a normatividade pode ser visto como uma forma de inclusão (Zanetti, 2022). Ao questionar sobre que mensagem quer deixar para o mundo sobre esse tema e comenta “Não devemos nada a ninguém, temos que nos impor, mas é diferente de provar” e sobre como deseja se seja suas relações amorosas responde “Livre e

alegre, tudo de bom! Por que a minha felicidade não depende dele, eu crio a minha felicidade e ele soma, mas como do outro lado não tem eu vivo a minha parte”.

5.2.2 O abrigo é a família sociométrica dos rejeitados: um lugar de pertencimento

Ao ser questionado sobre sua relação com a família, João relatou que chegou a se hospedar na casa de apoio devido à falta de acolhimento dos irmãos. Ele explicou que, após receber alta médica devido a um problema nos rins, mencionou que morava sozinho, mas que não estava em boas condições para ficar na casa de um de seus irmãos. Foi então que um colega de João sugeriu que ele poderia se hospedar na casa de apoio pelo tempo que fosse necessário.

Além disso, João compartilhou como sua vida mudou após essa perda da mãe. Ele explicou que é o sexto filho e o caçula da família, e que após a morte da mãe, sua vida começou a desmoronar. João também mencionou que uma de suas irmãs, com quem ele nunca teve uma boa relação, questionou no hospital se ele ficaria na casa em que morava e o que aconteceria a partir de então. Nery (2014) destaca a importância dos laços de afeto e amor entre os membros da família e como esses vínculos podem influenciar no desenvolvimento emocional e social dos indivíduos. A importância da comunicação e do diálogo aberto na construção e manutenção dos vínculos familiares saudáveis se mostra no caso de João, de forma que os vínculos familiares desestruturados de João resultam em uma situação de vulnerabilidade.

Em seguida, João acrescentou que, após a morte da mãe, sua vida emocional começou a se desestabilizar e quando precisou de apoio dos irmãos, eles o abandonaram. Esses eventos evidenciam a importância da família como um símbolo significativo para a saúde mental de João. Nery (2014) discute a relevância dos laços afetivos nas interações interpessoais,

abrangendo inclusive os vínculos familiares, e oferece perspectivas e reflexões sobre como podemos nutrir relacionamentos saudáveis.

Por conseguinte, a casa de apoio se tornou uma nova maneira de João construir sua saúde e sentir que pertence a um grupo minoritário que passa por situações semelhantes. Ele afirmou que, para ele, a família são as pessoas que não são da sua família biológica. João também compartilhou que acredita que, se ele precisar de ajuda e pedir aos seus familiares, eles serão indiferentes, mas que, se eles precisarem dele, ele os ajudará. Essas reflexões destacam como a percepção da família impacta a maneira como ele se enxerga no presente.

Através da experiência de João pode-se perceber os encontros sociométricos entre os membros do grupo indicando suas preferências por outros integrantes, permitindo a criação de diagramas sociométricos que ilustram visualmente as relações (Gonçalves et al, 1988).

O apoio oferecido por um grupo, através da casa de apoio, reflete uma necessidade real de união e colaboração mútua, contribuindo para a construção de uma boa integração e um senso de pertencimento. A necessidade de se sentir parte de um grupo está diretamente ligada ao desenvolvimento da identidade, à exploração dos papéis e interações sociais, e à qualidade de vida em geral (Castilho, 1995).

Quando as pessoas se sentem parte de um grupo, elas são capazes de se expressar livremente e serem aceitas por quem são, sem medo de julgamento ou rejeição. Isso pode levar a um aumento da autoestima e da autoconfiança, além de uma maior sensação de segurança e bem-estar emocional. Por outro lado, a falta de um senso de pertencimento pode levar a sentimentos de isolamento, solidão e baixa autoestima. Portanto, é importante reconhecer a importância de grupos de apoio e comunidades para a construção da identidade e bem-estar emocional das pessoas. Ao fornecer um ambiente acolhedor e solidário para aqueles que enfrentam desafios pessoais, esses grupos podem ajudar a promover a inclusão e o respeito pela diversidade, além de ajudar as pessoas a se conectarem umas com as outras e a

encontrar significado e propósito em suas vidas (Castilho, 1995). Dessa forma, a sensação de pertencimento de um integrante em um grupo dentro da casa de apoio após a rejeição familiar pode conferir qualidade em saúde ao sujeito. A sensação de pertencimento a esse grupo pode proporcionar um senso de segurança e conforto para o indivíduo que se encontra em um estado vulnerável, ao mesmo tempo em que fortalece seu processo de reintegração à sociedade.

Podemos notar que na base da identidade, ocorre o despertar do primeiro amor na vida da criança, que dará origem à compreensão das emoções. Em nossa estrutura familiar, as crianças não apenas vivenciam as dinâmicas sociais familiares, mas também as do seu grupo social, que são fundamentais para as primeiras interações sociométricas. Durante a infância, utilizamos nosso corpo como um recurso primordial para estabelecer e manter vínculos emocionais, além de impulsionar o aprendizado emocional (Nery, 2014).

Sobre a criação dentro do mapa considerando o tema família retrata “Vou usar o azul que é uma cor que eu gosto. Eu colocaria aqui como se fosse as veias “família”, porque família é raiz né? Eu colocaria os dois lados do braços e escreveria aqui ó. Colocaria afeto aqui porque engloba várias coisas”

João enfatizou a importância da família na construção do seu mapa corporal, destacando que o respeito é uma qualidade essencial para as relações familiares e afetivas. Ele explicou que escolheu o centro de seu corpo no desenho para escrever a palavra respeito em seu mapa corporal narrado porque acredita que, sem ele, todas as outras áreas de sua vida podem ser negativamente afetadas. Por exemplo, se ele não tem respeito em sua relação familiar, sua autoestima e autoconfiança podem ser afetadas, o que pode ter impacto em sua capacidade de se relacionar com outras pessoas, incluindo em seus relacionamentos amorosos. Isso sugere que ele valoriza muito suas conexões e relacionamentos íntimos e que a qualidade dessas relações é crucial para seu bem-estar emocional. Em resumo, João

expressou que o respeito é fundamental para construir relações saudáveis e significativas em sua vida

Ao escrever sobre respeito comenta “Eu colocaria o respeito, tanto na questão família como na afetiva. Por que eu escolhi esse centro? Por que enquanto não ficar tudo 100% o resto o resto não vai responder de acordo, entendeu?”

Em suma, a importância da questão familiar para João em seu mapa corporal reflete sua crença de que nossas relações mais próximas e significativas são fundamentais para nossa felicidade e bem-estar, e que o respeito é um aspecto crítico para nutrir e manter essas conexões.

5.2.3 A balança da saúde mental: equilibrando razão e emoção.

Os homens gays muitas vezes enfrentam discriminação e preconceito, o que pode levar a desafios relacionados com saúde mental. Na história de João, podemos perceber as dificuldades enfrentadas na sua jornada, o que pode afetar na sua saúde mental.

“Não é bem tristeza por que eu não dou espaço pra tristeza, mas eu me pego um pouco pra baixo, sabe? Meio “deprê”. São outros fatores da vida que estão me deixando para baixo”. A partir desse trecho, João expressa sua preocupação consigo mesmo ao perceber que estava se sentindo "para baixo" e incapaz de realizar atividades cotidianas. Determinado a superar essa situação, ele traçou planos para obter um novo emprego e avançar na vida. Infelizmente, não obteve êxito nesse processo.

Isso destaca o que foi trazido por Meyer (2003), sobre o fato de que as pessoas que pertencem a grupos minoritários têm maior probabilidade de apresentar distúrbios mentais não devido à sua orientação sexual, mas sim devido ao peso social que enfrentam.

Durante suas reflexões sobre a vida, João compara a vida com uma balança que tem duas partes: razão e emoção. Ele acredita que é importante equilibrar ambas, pois se apenas

uma delas prevalecer, a vida pode sair do controle. Ele menciona que o espiritismo ensina a lidar com a razão e a emoção, e que depositar todas as suas expectativas em apenas uma delas pode levar à decepção. Ele reconhece que, às vezes, deixa-se levar pelas emoções e que sua mente pode não estar totalmente equilibrada, mas acredita que trabalhar em equilibrar a razão e a emoção pode levar a um maior entendimento da vida. Reponta aqui a importância do suporte espiritual em sua vida e como a escolha de uma religião que não oprime nem condena seus adeptos por suas orientações sexuais diversas.

Ao ser questionado sobre como tem sido falar sobre sua vida através do mapa responde: “É bom né, por que é uma forma de tirar o que tá entalado, né?”. A partir disso pode-se considerar o mapa como um objeto intermediário de diálogo entre o sujeito e seus conflitos.

5.2.4 Posso simplesmente ser eu

João aborda também a pressão social por uma postura que muitas vezes conflita com a busca pela identidade e aceitação de si e do outro. Ele defende que, ao olhar para si mesmo por meio do desenho do corpo, é possível descobrir que não é necessário se enquadrar em padrões estabelecidos pela sociedade para se encontrar e ser feliz. Pelo contrário, assumir a própria identidade é essencial para alcançar a realização pessoal e a felicidade. Dessa forma, o sujeito enfatiza a importância de se libertar das expectativas sociais e dos padrões impostos, a fim de se permitir experimentar e descobrir quem realmente é.

João relata sobre sua história de vida e a relação com o universo LGBTQ:

“Eu ia falar pra minha mãe, mas falaram na minha frente e foi a pior maneira, ela ficou revoltada e ficou um mês sem falar comigo. “Dona H, vai falar comigo não?” Comecei a arrumar minhas coisas e falei tchau e

ela me segurou dizendo que eu não iria embora. Não precisa aceitar, mas respeitar, eu entendo. Conversei com ela, disse pra ela que sou gay, mas não iria fazer ela passar vergonha. Fui mostrando pra ela que ser gay não é a pior coisa, não é ter vergonha e com o tempo ela foi aceitando até que coloquei meu primeiro relacionamento dentro de casa e o segundo ela já tratou como filho. Consegui desconstruir aquela imagem que ela tinha”

Ao demonstrar isso, fica claro que existe uma expectativa sobre a imagem do que significa ser um homem homossexual.

A partir da visão de papel de gênero percebe-se que identificam e entendem o estigma associado à feminilidade quando a sociedade e organizações colocam o "ser feminino" em um patamar inferior em relação aos homens. Esse estigma é perpetuado através do uso de termos e expressões depreciativas ou comportamentos irônicos e sarcásticos, que visam manter o poder da heteronormatividade masculina (Moura & Nascimento, 2020).

Continua o relato dessa forma: “Para ela (a mãe) foi o fim do mundo, comecei a arrumar as coisas pra ir embora e ela não deixou eu sair de casa e o psicólogo conversou com ela e foi lapidando minha mãe e ela foi vendo que não era como ela imaginava e não dei vergonha minha mãe, pelo contrário. Quando eu saí ela sabia porque eu saía, mas não com quem era.”

João compartilha suas reflexões sobre como algumas pessoas dentro da comunidade LGBTQ podem adotar comportamentos estereotipados, levantando questionamentos sobre a pressão que algumas pessoas sentem para alterar suas vozes ou aparências, a fim de se ajustarem a certos padrões. João faz uma comparação em relação a mulheres que, ao se identificarem como lésbicas, adotam mudanças drásticas e levantam questionamentos acerca da motivação por trás dessas transformações. Ele enfatiza seu respeito pelas escolhas

individuais, ao mesmo tempo em que acredita na importância de cada pessoa ser autêntica, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Considerando essa perspectiva de padrões, pode-se perceber que o preconceito internalizado pode se manifestar na vida das pessoas homossexuais, que são expostas desde a infância a valores preconceituosos presentes em nossa cultura. Na sociedade ocidental, muitos são ensinados de forma consistente a condenar a homossexualidade como algo pecaminoso ou moralmente errado, o que leva a reações de repulsa em relação a essa orientação sexual. Em outras palavras, é possível afirmar que, antes mesmo de uma pessoa perceber sua própria orientação sexual, ela já absorveu as ideias negativas e os perigos associados a ser não-heterossexual (Antunes, 2016).

Em alguns casos, os vínculos interpessoais podem desencadear uma dinâmica emocional que leva a padrões complementares disfuncionais, resultando em bloqueio na capacidade de co-criação, sofrimento e angústia (Nery, 2014). Dessa forma, é importante que o indivíduo se torne consciente desses padrões de comportamento conservados e explore alternativas mais criativas e adaptativas.

O psicodramatista tem a capacidade de trabalhar com essas repetições, buscando compreender as dinâmicas subjacentes que estão influenciando o paciente. Ao desvendar os papéis e trazê-los à consciência, é possível auxiliar o paciente a desenvolver uma compreensão mais profunda de si mesmo e encontrar maneiras mais saudáveis de se relacionar com os outros.

CAPÍTULO VI: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa dissertação, foi possível analisar a aplicação do mapa corporal narrado com um homem cisgênero homossexual em situação de vulnerabilidade. Por meio da metodologia utilizada, foi possível compreender as diferentes formas como esse sujeito percebe e vivencia seu corpo, e como essa percepção pode ser influenciada pela vivência de discriminação, violência e exclusão social a qual pode acontecer no lócus de origem, na família, como foi possível ver no caso abordado neste trabalho. Nesse sentido, foi possível compreender como o contexto familiar pode ampliar a vulnerabilidade enfrentada por alguém que se identifica com um grupo minoritário.

A partir da história de João foi possível perceber que a falta de apoio familiar pode resultar em isolamento emocional e problemas de saúde mental para o sujeito homossexual, afetando negativamente sua autoestima e bem-estar psicológico. Além disso, o acesso limitado a serviços de saúde culturalmente competentes e capacitados cria barreiras para o cuidado adequado, deixando o sujeito vulnerável a dificuldades no atendimento de suas necessidades específicas. É essencial promover a conscientização, combater o preconceito, garantir serviços de saúde inclusivos e lutar pela igualdade de direitos para construir uma sociedade mais justa e acolhedora.

A utilização do mapa corporal narrado pode ser uma ferramenta valiosa nesse sentido, pois permite que o sujeito expresse suas experiências de forma mais livre e autêntica, sem ser submetido a categorizações prévias ou estereótipos. Esse método proporciona narrativas a partir de uma ação espontânea e criativa que nos permite ouvir como o sujeito significa sua própria condição de vida e de existência.

Contudo, é preciso reconhecer que a aplicação dessa técnica não é isenta de desafios e limitações. É necessário ter em mente que cada indivíduo tem uma história única e complexa,

e que a experiência de vulnerabilidade pode variar de acordo com diversos fatores, como raça, gênero, classe social e orientação sexual. Nessa esteira, sugere-se, para futuros estudos, que a leitura desse contexto se ancore na interseccionalidade como ferramenta analítica e pontuar que esse sujeito, um homem cis terá sofrimentos distintos de outros sujeitos mais vulneráveis na sociedade por pertencer a outras minorias. Além disso, é importante garantir que o profissional que aplica o mapa corporal narrado esteja preparado para lidar com as emoções e traumas que podem surgir durante o processo.

É fundamental que o mapa corporal narrado seja utilizado em conjunto com outras estratégias e abordagens terapêuticas, de forma a garantir uma assistência mais ampla e integral aos sujeitos LGBTQ em situação de vulnerabilidade. Somente assim poderemos contribuir para a promoção da saúde e bem-estar dessa população, e para o fortalecimento de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa com as diferenças.

Coletar dados em uma instituição pode ser uma tarefa desafiadora em circunstâncias normais, mas durante a pandemia do COVID-19, essa tarefa se tornou ainda mais difícil. Quando tive a tarefa de coletar dados em uma instituição, enfrentei dificuldades em relação ao acesso aos dados e à comunicação com a instituição. Além disso, a instituição enfrentou seus próprios desafios em relação à pandemia, o que afetou a disponibilidade dos funcionários e a priorização de outras tarefas.

No entanto, eu sabia que era importante manter a perseverança e a comunicação constante com a instituição para superar essas dificuldades. Estabeleci uma comunicação constante com os responsáveis pela instituição e adaptei meu cronograma às necessidades da instituição, demonstrando compreensão em relação aos desafios que eles estavam enfrentando. Embora tenha sido um processo desafiador, a pandemia não impediu que eu coletasse os dados necessários para a minha pesquisa, porém isso fez com que a amostra tenha sido bem menor do que o esperado. A experiência também me ensinou a ser mais

flexível e a estar preparada para enfrentar desafios inesperados durante o processo de coleta de dados.

REFERÊNCIAS

- Aquino, A. M. R., & Mari, H. (2017). O corpo LGBT patologizado: fraturas e degradações do lugar do ser em um cenário de violências. *fólio-Revista de Letras*, 9(1).
- Antunes, P. P. S. (2016). Homofobia internalizada: o preconceito do homossexual contra si mesmo. [Tese de Doutorado não Publicada]. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Albuquerque, G. A., Garcia, C. D. L., Alves, M. J. H., Queiroz, C. M. H. T. D., & Adami, F. (2013). Homossexualidade e o direito à saúde: um desafio para as políticas públicas de saúde no Brasil. *Saúde em Debate*, 37, 516-524.
- Baére, F., & Conceição, M. I. G. (2018). Análise da produção discursiva de notícias sobre o suicídio de LGBTs em um jornal impresso do Distrito Federal. *Revista Ártemis*, 25(1), 74.
- Bordiano, G., Liberal, S. P., Lovisi, G. M., & Abelha, L. (2021). COVID-19, vulnerabilidade social e saúde mental das populações LGBTQIA+. *Cadernos de Saúde Pública*, 37, e00287220.
- Borrillo, D. (2001). *Homofobia*. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- Bourdieu, P. (2014). Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. *Pro-posições*, 25, 247-256.
- Braun, V., & Clarke, V. (2014). What can “thematic analysis” offer health and wellbeing researchers?. *International journal of qualitative studies on health and well-being*, 9(1), 26152.
- BRASIL. (2022). Ministério da Saúde. Cuidar bem da saúde de cada um faz bem para todos, faz bem para o Brasil.
- Butler, J. (2018). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Editora José Olympio.
- Calvente, C. (2002). *o personagem na psicoterapia*. Editora Agora.

- Castilho, Á. (1995). *A dinâmica do trabalho de grupo*. Qualitymark.
- Cançado, T. C. L.; Souza R. S.; Cardoso, C. B. S. (2014) Trabalhando o Conceito de Vulnerabilidade Social. In: XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, São Paulo.
- Carezzato, M. C. (2004). O Lugar do corpo no Psicodrama. In *Congresso Sul Mineiro de Medicina Psicossomática*.
- CELAC (2021). At Least 4,091 Women Were Victims of Femicide in 2020 in Latin America and the Caribbean, Despite Greater Visibility and Social Condemnation. <https://www.cepal.org/en/pressreleases/eclac-least-4091-women-were-victims-femicide-2020-latin-americaand-caribbean-despite>
- Conceição, M. I. G., Magalhães, L., & Gastaldo, D (2021). Introdução aos mapas corporais narrados: uma metodologia qualitativa para estudar saúde coletiva. *Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa em saúde [livro eletrônico]*, 1, 119-135.
- Costa, L. E., de Mesquisa, V. M., & Campos, A. P. (2015). Moradores de rua, quem são eles? Um estudo sobre a população de rua atendida pela Casa da Sopa “Capitão Vendramini” de Três Corações. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 13(2), 285-297.
- Demetri, F. D. (2018). Judith Butler: filósofa da vulnerabilidade. *Lugar Comum—Estudos de mídia, cultura e democracia*, (52), 175-187.
- De Jesus, J. G. (2012). Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. *Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião*, 2, 42.
- Efrem, R. (2016). Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT. *cadernos pagu*, 311-340.
- Ferreirinha, I. M. N., & Raitz, T. R. (2010). As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. *Revista de Administração Pública*, 44, 367-383.

- Fontana, M. Z. (2017). “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. *Revista Conexão Letras*, 12(18).
- Fonseca F. J. (1980). *Psicodrama da loucura: correlações entre Buber e Moreno*. Grupo Editorial Summus.
- Fleury, H. J. (2022). O psicodrama confirma a missão política da diversidade, equidade e inclusão. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 29, 159-162.
- Garrido Martín, E. (1996). *Psicologia do encontro: JL Moreno*. São Paulo: Ágora.
- Gauntlett, D., & Holzwarth, P. (2006). Creative and visual methods for exploring identities. *Visual studies*, 21(01), 82-91.
- Gastaldo, D., Carrasco, C., Magalhães, L., & Davy, C. (2012). Body-map storytelling as research: Methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping. *Migration Health*. http://www.migrationhealth.ca/sites/default/files/Body-map_storytelling_as_research_HQ.pdf
- Gomes, M., Brum, T. G., Zanon, B. P., Moreira, S. X., & Anversa, E. T. R. (2021). A violência para com as pessoas LGBT: uma revisão narrativa da literatura Violence to LGBT people: a narrative review of literature. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(3), 13903-13924.
- Gonçalves, R. D. C., & Lisboa, T. K. (2007). Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Revista KatáLysis*, 10, 83-92.
- Gonçalves, C. S., Wolff, J. R., & de Almeida, W. C. (1988). *Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de JL Moreno*. Editora Agora.
- Lipman, L. (2008). O sistema triádico: sociometria, psicodrama e psicoterapia de grupo uma revisão. In J. Gershoni. *Psicodrama no século 21: aplicações*. Editora Summus.

- Lopes, A. C. (2013). Teorias pós-críticas, política e currículo. *Educação, sociedade & culturas*, (39), 7-23.
- Malta, R. C., Montenegro, L., Gomes de Jesus, J., Seixas, M., Benevides, B., Silva, M. D., LeGrand, S. & Whetten, K. (2019). Sexual and gender minorities rights in Latin America and the Caribbean: a multi-country evaluation. *BMC* 19(1), 1-16.
- Mendes, L. G., Jorge, A. O., & Pilecco, F. B. (2020). Proteção social e produção do cuidado a travestis e a mulheres trans em situação de rua no município de Belo Horizonte (MG). *Saúde em Debate*, 43, 107-119.
- Mendes, W. G. & Silva, C. M. F. P. D. (2020). Homicídios da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25, 1709-1722.
- Menegazzo, C. M. (1992). *Dicionário de psicodrama e sociodrama*. Editora Agora.
- Melo, V. A. D. (2014). Educação do corpo: bailes no Rio de Janeiro do século XIX: o olhar de Paranhos. *Educação e Pesquisa*, 40(03), 751-766.
- Melo, M. H. D. S., Rodrigues, D. R. S. D. R., & Conceição, M. I. G. (2015). Avaliação de programas de prevenção e promoção em saúde mental. *Prevenção e promoção em saúde mental: fundamentos, planejamento e estratégias de intervenção*.
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological bulletin*, 129(5), 674.
- Moura, R. G., & Nascimento, R. P. (2020). O estigma da feminilidade nas organizações: um estudo a partir da visão de sujeitos gays. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(2), 203-226.
- Moreno, J. L. (1974). Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à praxis. In *Psicoterapia de grupo e psicodrama: introdução à teoria e à praxis* (pp. 367-367).
- Moreno, J. L. (1993). *Psicodrama*. Editora Cultrix.

- Morais, F. G., et al. (2018). Casassa: a relevância de um centro de acolhimento para jovens LGBT marginalizados na cidade de Presidente Prudente-SP. In *Colloquium Socialis*. ISSN: 2526-7035 (Vol. 2, No. 3, pp. 13-18).
- Nascimento, R. F., & Garcia, M. R. V. (2018). Homo/transexualidades e família: análise de um grupo voltado a pais e mães de LGBTs. *Laplage em revista*, 4(3), 209-224.
- Nery, M.P. (2014). Vínculo e afetividade: caminhos das relações humanas. 3. ed. Ágora.
- Neto, A. N. (1997). *Psicodrama: descolonizando o imaginário*. Plexus Editora.
- Nunes, E. C., & Garcia, B. P. (2022). O abandono afetivo de LGBT na sociedade brasileira à luz dos direitos humanos. *Direito em Revista*, 7(7), 28-45.
- Oliveira, E. T., & Vedana, K. G. G. (2020). Suicídio e depressão na população LGBT: postagens publicadas em blogs pessoais. *SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, 16(4), 32-38.
- Oviedo, R. A. M., & Czeresnia, D. (2015). O conceito de vulnerabilidade e seu caráter biossocial. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 19, 237-250.
- Paz, A. A., Santos, B. R. L. D., & Eidt, O. R. (2006). Vulnerabilidade e envelhecimento no contexto da saúde. *Acta Paulista de Enfermagem*, 19, 338-342.
- Perazzo, S. (2010). *Psicodrama: O forro e o avesso*. São Paulo: Ágora.
- Pimenta, A. S., & da Conceição, P. W. R. (2021). Os impactos da heteronormatividade institucional na saúde mental da população LGBTQIA+. *Revista Gênero e Interdisciplinaridade*, 2(05).
- Quadrado, J. C., & da Silva Ferreira, E. (2019). Os (des) caminhos da política pública de assistência social no atendimento à população LGBT. *Humanidades & Inovação*, 6(17), 271-285.

- Rodriguez, A. M. M. (2014). Experiências de atenção à saúde e percepções das pessoas transgênero, transexuais e travestis sobre os serviços públicos de saúde em Florianópolis/SC.
- Salih, S. (2016). *Judith Butler e a teoria queer*. Autêntica.
- Santana, A. D. D. S., & Melo, L. P. D. (2021). Pandemia de covid-19 e população LGBTI+.(In) visibilidades dos impactos sociais. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*.
- Santos et al (2023). A Vulnerabilidade LGBTQIA+ e a necessidade da criação de casas de acolhimento no Brasil. *Diversitas Journal*, 8(1).
- Santos, H. M. R. (2018). Discursos sobre bullying e homofobia na e da escola: que (im) possibilidades de cidadania para jovens LGBT.
- Sampaio, L.L.P., & Coelho, M.T.A.D. (2012). Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 16, 637-649.
- Silva, B. F., & Danielski, W. C. (2018). Vínculo conjugal: Um estudo psicodramático das redes relacionais do cônjuge masculino. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 26(2), 23-35.
- Silveira, A. P. Fala Sapatão: um recorte sociodramático. *Trabalho de conclusão de curso* [Especialização em psicodrama]. Profissionais Integrados. Aracaju: Sergipe. 2018.
- Souza Sofal, A. M., de Oliveira, M. M., Rodrigues, P. H. M., Costa-Silva, T. A., & Ribeiro, L. P. (2019). Trajetórias de vida de travestis e transexuais de Belo Horizonte: Ser “T” e “Estar Prostituta”. *Serviço Social em Revista*, 21(2), 375-396.
- Ramalho, C.M.R. (2011). *Psicodrama e dinâmica de grupo*. Iglu.
- Ribeiro, C. J., de Freitas Moraes, C., & Kruger, N. R. M. (2019). A universidade e os corpos invisibilizados: Para se pensar o corpo LGBT. *Diversidade e Educação*, 7(2), 357-372.

- Rios, R. R. (2007). O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. *Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea*, 27-48.
- Roso, A., Strey, M. N., Guareschi, P., & Bueno, S. M. N. (2002). Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia & sociedade*, 14, 74-94.
- Rubini, C. (1995). O conceito de papel no Psicodrama. *Revista Brasileira de Psicodrama*. FEBRAP, p. 45-62.
- Tedesco, S., & Liberman, F. (2008). O que fazemos quando falamos em Vulnerabilidade?. *O Mundo da Saúde*, 32(2), 254-260.
- Yozo, R. Y. K. (1996). *100 jogos para grupos: uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas*. Editora Agora.
- Veroneze, R. T. (2022). Vulnerabilidades das travestis e das mulheres trans no contexto pandêmico. *Revista Katálisis*, 25, 316-325.
- Zanetti, F. M. (2022). Amor e corpo como norma: uma compreensão fenomenológico-hermenêutica da homofobia. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 11(2), 41-59.
- Zakabi, D. (2014). Clínica LGBT: contribuições do psicodrama para superação do estigma e da discriminação. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 22(2), 6-14.

ANEXO A

Termo de Autorização para Utilização de Imagem e Som de Voz para fins de pesquisa

Eu, _____ (nome do participante), autorizo a utilização da minha imagem e som de voz, na qualidade de participante/entrevistado(a) no projeto de pesquisa intitulado Mapa Corporal e História de Vida de Sujeitos LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade sob a responsabilidade da pesquisadora Claudia Soares da Silva, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB).

Minha imagem e som de voz podem ser utilizados para análise dos dados da pesquisa por parte da equipe de pesquisadores. Tenho ciência de que não haverá divulgação da minha imagem nem som de voz por qualquer meio de comunicação, exceto nas atividades de análise vinculadas à pesquisa explicitada acima. Tenho ciência também de que a guarda e demais procedimentos de segurança com relação às imagens e sons de voz são de responsabilidade da pesquisadora responsável.

Deste modo, declaro que autorizo, livre e espontaneamente, o uso para fins de pesquisa, nos termos acima descritos, da minha imagem e som de voz.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com o(a) participante.

Assinatura do (a) participante Nome e Assinatura da pesquisadora

Brasília, ____ de _____ de _____

ANEXO B

Roteiro - Mapa Corporal

I- Primeira Etapa:

Introdução ao Mapeamento Corporal (5 minutos) Objetivo: Informar de todo o procedimento e quebrar o gelo.

Delineamento Corporal (20 minutos) Objetivo: Traçar o esboço do corpo.

Trajetória: (30 minutos) Objetivo: Explorar representações das raízes, valores e identidade da participante.

II- Segundo Etapa:

Símbolo Pessoal e Slogan (10 minutos)

Objetivo: Representar a vida de sujeitos LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade usando um símbolo que seja significativo para eles. Compreender o que motiva ou que perspectiva os participantes tem na vida através do uso de um slogan.

Marcas (35 minutos)

Objetivo: Representar o impacto da homofobia e/ou transfobia em seu corpo (Nota: os impactos podem ser físicos, mentais, emocionais, etc)

III) Terceira Etapa:

Mensagem para os outros (5 minutos) Objetivo: Capturar uma mensagem que o participante gostaria de dar ao público em geral sobre sua experiência

Digitalização Corporal (15 minutos) Objetivo: Representar o impacto da homofobia e do sexismo sobre a comunidade LGBTQIA+ e acesso a serviços que possam promover / inibir o bem-estar

Estruturas de Suporte (20 minutos) Objetivo: Identificar pessoas-chave, instituições, agências ou outras vias (ou seja, estruturas de apoio) que ajudem a apoiar a participante em suas lutas diárias.

Desenhando o Futuro (10 minutos) Objetivo: Explorar o que as participantes estão buscando e seus objetivos para o futuro

Narrativa da participante (10 minutos) Objetivo: Para capturar a experiência da participante da maneira que gostaria que fosse dito a outras pessoas.

Decoração / Acabamento final (Apenas se o tempo permitir) Objetivo: Proporcionar uma oportunidade para a participante analisar brevemente o seu trabalho e identificar lacunas / elementos em falta.

ANEXO C

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está convidado(a) a participar do projeto de pesquisa Mapa Corporal e História de Vida de Sujeitos LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade, sob a responsabilidade da pesquisadora Claudia Soares da Silva – vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília (UnB). O objetivo desta pesquisa é Analisar as construções subjetivadas corporalmente por pessoas LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade por meio do Mapa corporal narrado; Compreender como o contexto familiar se relaciona à ampliação de vulnerabilidade enfrentada por pessoas LGBTQIA+; Analisar como pessoas LGBTQIA+ significam suas próprias condições; Investigar fatores que levam pessoas LGBTQIA+ à ampliação de contextos de vulnerabilidade.

A coleta de dados será realizada por meio da aplicação de Mapa Corporal Narrado se tratando da construção da imagem do corpo humano em tamanho real. Se torna um processo de criar mapas do corpo usando desenho, pintura ou outras técnicas artísticas para representar visualmente aspectos da vida das pessoas.

É para esta etapa que você está sendo convidado(a) a participar. Ao longo de sua participação, os temas abordados podem ser mobilizadores gerando algum desconforto ou riscos emocionais e psicológicos. Assim, caso estes riscos ou desconfortos sejam observados ou relatados, será oferecido suporte emocional por meio de encaminhamento para atendimento individualizado.

Espera-se como benefícios desta pesquisa:

Identificar quais as situações que ocasionam a ida de sujeitos para casas de acolhimento e que os dados coletados nesta pesquisa contribuam para formulação de estratégias de intervenção dessa população no sentido de ampliar atendimentos, facilitar o acesso preventivo a serviços de saúde e acolhimento ao público LGBTQIA+.

Sua participação é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento. A recusa em participar não acarretará qualquer prejuízo ou perda de benefícios.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, pode me contatar por meio do telefone (79999375088) em horário comercial ou pelo e-mail claudiasoares131@gmail.com .

A pesquisadora garante que os resultados do estudo serão devolvidos aos participantes por meio de uma oficina na instituição sobre o tema relativo à pesquisa.

Este projeto foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília. As informações com relação à assinatura do TCLE ou aos direitos do participante da pesquisa podem ser obtidas por meio do e-mail do CEP/CHS: cep_chs@unb.br ou pelo telefone: (61) 3107 1592.

Caso concorde em participar, assine abaixo. Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com a pesquisadora responsável pela pesquisa e a outra com você.

Assinatura do (a) participante Assinatura do (a) pesquisador (a)

Brasília, ____ de _____ de _____.

ANEXO D

Perguntas - Entrevista Semi Estruturada.

1. Qual a sua idade?
2. Qual a sua orientação sexual?
3. Qual o gênero do qual se identifica?
4. Com quem você morava antes de encontrar a casa de apoio?
5. Como conheceu a casa de apoio?
6. Há quanto tempo reside na casa?

ANEXO E

Termo de anuência da Instituição

Requerimento:

Eu, Cláudia Soares da Silva, solicito autorização para Instituição Casa Rosa para a realização da pesquisa Mapa Corporal e História de Vida de Sujeitos LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade realizada sob minha responsabilidade, com orientação da professora Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição, como parte do curso de pós graduação em Psicologia Clínica e Cultura da Universidade de Brasília

O estudo tem por objetivo realizar uma pesquisa qualitativa que investigará a subjetividade de sujeitos LGBTs em situação de rua. A proposta será vinculada ao projeto Casa Rosa em Sobradinho/DF, tendo como participantes sujeitos LGBTs em situação de vulnerabilidade que tenham vínculos com o projeto Casa Rosa. A pesquisa tem previsão de início em Junho/2022.

Assim, solicito deferimento para que possa iniciar a pesquisa após revisão e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP/CHS) da Universidade de Brasília.

Assinatura da pesquisadora

Data: ____/03/2022

Anuência:

Eu, _____, autorizo a realização da pesquisa Mapa Corporal e História de Vida de Sujeitos LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade de responsabilidade da pesquisadora Cláudia Soares da Silva na Instituição Casa Rosa.

Assinatura de Responsável pela Instituição

Data: ____/03/2022

ANEXO F
CARTA AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Envio o projeto de pesquisa intitulado Mapa Corporal e História de Vida de Sujeitos LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade, para apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (CEP-IH/UnB).

Confirmo que os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa realizaram a leitura e estão cientes do conteúdo da Resolução CNS nº 196/96 e suas complementares e comprometo-me

a:

- Apresentar documentação idêntica em todos os centros participantes do estudo, caso a Pesquisa seja realizada em mais de um centro.
- Somente iniciar o estudo após as devidas aprovações pelo CEP-IH;
- Zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento do estudo;
- Utilizar os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste estudo apenas para atingir o objetivo proposto e não os utilizar para outros estudos, sem o devido consentimento dos participantes da pesquisa;
- Informar a este comitê qualquer alteração que eventualmente venha a ocorrer no projeto;
- Comunicar e justificar a este comitê caso haja desistência ou cancelamento do estudo;
- Apresentar a este comitê os relatórios parciais e final, de acordo com a Resolução CNS nº 196/96 – item VII.13.d .
- Tornar público os resultados do estudo, quer sejam favoráveis ou não, respeitando a privacidade e os direitos individuais dos sujeitos da pesquisa.

Brasília, 21 de março de 2020.